

UMA QUADRA

Não mais vem, como desejo,
Um mundo novo, perfeito,
Só fechando os olhos, vejo
Tal desejo satisfeito...

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO DO MAIOR E MAIS IMPORTANTE CONCELHO DO ALGARVE

Preço Avulso: 6\$00

N.º 802

ANO XXVII

30/10/1980

Composição e impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

«GRAFICA LOULETANA»

Telef. 62536

8100 LOULÉ

Que agricultura temos tido Que agricultura vamos ter

«A Voz de Loulé» entrevista ANTÓNIO MANUEL FANGUEIRO

responsável pela Zona Agrária 3, instalada em Loulé

Aquando da «Grande Ferra» do 25 de Abril, as forças progressistas que assaltaram o Poder em Portugal, tomaram conta de quase tudo: fábricas, terras, oficinas, lojas, repartições públicas, juntas de freguesia, câmaras, governos civis, direcções gerais, ministérios, e não deixaram escapar os clubes desportivos (para mentalizarem os jovens), os grémios da lavoura (para meter tudo na «Agrária» e até muitas sociedades recreativas ficaram sob sua direcção revolucionária. (A lista é tão longa que o melhor é apelar para a memória do leitor).

Depois, dia após dia, mês após mês, ano após ano, os portugueses foram abrindo os olhos estupefactos dum sonho doloroso e chegaram à triste conclusão de que se tratava afinal de forças regressivas (porque pretendiam o regresso ao passado da ditadura e ao trabalho escravo) e não eram forças progressistas como euforicamente se intitulavam.

Por isso foram perdendo força e os seus baluartes caindo como frágeis castelos de cartas, enquanto tentavam agitar-se em
(continua na pág. 2)

OUTONO TODOS OS ANOS!

por
— JACINTA CARDOSO —

Outono, as primeiras folhas que tombam da copa amarelada duma árvore, para o chão em que se amontoam sons de dor, a cada passo, num lamento apagado de almas que ainda rangem, porque foram: a sombra que abrigou um corpo ressequido, e lhe deu vida, quando no ar o sol abrasava. Era Verão que já lá vai.

Agora recorde: a praia, o ca-
(continua na pág. 2)

NO DIA 11 DE OUTUBRO

O Algarve prestou a Eugénia Lima

a homenagem a que tinha direito
pelos seus gloriosos
50 anos de vida artística

Na opinião dos mais antigos
acordeonistas conhecidos, foi o

Algarve a primeira província portuguesa onde se tocou acordeon e tem sido Loulé a terra algarvia que mais se tem identificado com esse popular instrumento musical, que durante muitos anos foi considerado como elemento imprescindível em todas as festas e principalmente nos bailes que sempre têm sido locais de encontro entre jovens curiosos de se conhecerem e... amarem.

O Algarve, e principalmente Loulé, era, portanto, a terra naturalmente indicada para a consagração da mais conhecida e famosa das acordeonistas portuguesas e que, ao longo de 50 exaustivos anos de trabalho, se dedicou de alma e coração à arte a que devotadamente se apaixonou por natureza instintiva da sua vocação artística.

Quem, aproveitando-se da sua inclinação nata para a arte mu-
(continua na pág. 3)

Novos horizontes para Quarteira?

Embora vítima de erros imperdoáveis, Quarteira ainda dispõe de zonas onde algo de novo e arrojado pode ser feito. Assim os homens queiram e saibam aproveitar as suas potencialidades turísticas.

LER NA
PÁGINA 7



O JOGO DE MENTIRAS DE CERTOS PARTIDOS

por
— VITORIANO ROSA —

Aproveitando-se até ao tuta-no da fraca memória do nosso povo, o PS, o PC e o Senhor de Alcains — um trio que quer impôr ao povo português esta «vi-

da airada» em que o nosso país mergulhou e de que tão cedo não se recuperará, pelo menos enquanto durarem nacionalizações, ocupações e outros golpes dos ladrões — continuam o seu jogo de mentiras e de vigarices, deitando cortinas de fumo, mu-
(continua na pág. 9)

Redes interurbanas QUE TELEFONES! QUE NADAS!

Uma explicação dos CTT

(VER PÁGINA 7)

Jardim dos Amuados POSTAL ILUSTRADO DE LOULÉ

por
— MACHADO PINTO —

Quando, no verão do ano corrente, passei por Loulé, como

de costume, fui até ao Jardim dos Amuados.

Já passava do meio dia, e minha mulher, que não conhecia aquele recanto maravilhoso, ficou encantada com aquele aprazível recanto, da mais populosa vila do Algarve.

Mas, como não há belo sem senão, pouco depois, o guarda avisava-nos de que o jardim ia fechar, por estar na hora do almoço. Não chegamos, por isso, a tirar todo o proveito daquele pequeno retiro espiritual.

É claro que a medida está certa, até porque em Loulé, como de resto em toda a parte, não faltam, nos tempos que vão
(continua na pág. 2)

Complexo Turístico da Quinta do Lago

A Quinta do Lago, propriedade da Planal — Sociedade de Planeamento e Desenvolvimento do Algarve, SARL, situa-se perto de Almansil, numa área de aproximadamente 800 hectares e iniciou a sua actividade em 1972.

Trata-se de um conjunto urbanístico, nomeadamente vocacionado para o golfe, para o qual dispõe de uma área de aproximadamente 200 hectares.



O conjunto possui apartamentos de luxo, com 60 camas. Tem já construídas cerca de 30 vilas
(continua na pág. 9)

Vale do Lobo, Lda, Empresa Turística com sede em Almansil, concelho de Loulé — Algarve.

Em 31 de Março de 1978 saía da liquidação ou sobrevivia ao que Sander Van Gelder, o novo proprietário convencionou de crise nacional e declarou mesmo, que V. D. L. começaria uma nova era de progresso, marcado de mudanças, improvisos e novas actividades, para enfrentar o futuro com confiança, daí nasceu o slogan («The Deam carne true»), transformar o sonho em realidade.

Sander Van Gelder, sem papas na língua entrou em Portugal como um conquistador, anunciando-se quase um Deus

para salvar os Portugueses da miséria e apresentou-se como inimigo do desemprego, apolo-gista da boa qualidade de servi-
(continua na pág. 3)

SANDER VAN GELDER

O MITO?

Sessão cultural na Câmara de Loulé
sobre a obra
de Frei João de São José

(Página 10)

Que agricultura temos tido Que agricultura vamos ter

(continuação da pág. 1)

terrenos de areia movediça: quanto mais se mexem mais se enterram.

Loulé também teve os seus «heróis» que comodamente se instalaram na Câmara, nas Juntas de Freguesia, em fábricas, nas bandas locais, na Sociedade dos Artistas, no Grémio da Lavoura e, mais escandalosamente, no «Louletano» e no Atlético onde, se é que ainda lá estão, será o seu último baluarte para a chamada defesa das «conquistadas de Abril».

Do «Louletano» saíram, finalmente, há muito pouco tempo e após a realização de eleições, com previsões de uma derrota tão evidente, que nem apresentaram lista de oposição à nova direcção que se propõe agora eliminar o marxismo como prática corrente para transformar de novo o «Louletano» numa agremiação desportiva ao serviço da juventude e do desporto.

Do ex-Grémio da Lavoura, acaba de sair (parece que muito contrariada) a Comissão Liquidatária, nomeada depois do 25 de Abril e portanto de maioria progressista e que, segundo consta, se preocupou fundamentalmente em afundar o organismo que lhe entregaram para gerir (?).

Mas a situação de impasse que se vinha mantendo desde há 6 anos não podia ser protelada por mais tempo e por isso o Governo decidiu publicar um decreto extinguindo essa famosa Comissão e entregando o organismo a pessoas responsáveis e conscientes pela gestão do património público.

Ocasionalmente soubemos que algo de novo estava a processar-se e até nos disseram que o nosso contemporâneo e amigo António M. Inês Figueiro tinha sido a pessoa indigitada para acabar definitivamente com o Grémio da Lavoura e aproveitar as suas óptimas instalações para dar maior incremento à Cooperativa Agrícola do Concelho de Loulé «Mãe Soberana», criada em 1978 mas ainda de existência muito deficitária por carência de instalações.

Certos desta verdade, parecemos que o caminho a seguir seria procurar o nosso amigo Figueiro, para colher elementos que nos ajudassem a informar os nossos leitores daquilo que se passou e vai passar no ex-Grémio da Lavoura de Loulé e que planos estão sendo delineados para que a agricultura da nossa região deixe de ser apontada «como a arte de empobrecer alegremente», «slogan» que tinha o seu quê de verdadeiro e que, cada vez mais, deverá deixar de ter qualquer sentido prático.

António Manuel Figueiro é responsável pela Zona Agrária 3, recentemente instalada em Loulé, na Rua Maria Campina. Como é nosso vizinho (frente a frente) foi fácil encontrá-lo para uma troca de impressões acerca dum problema de tão transcendente importância para os habitantes do vasto concelho de Loulé como é o da agricultura.

Apesar de ser louletano de raiz, o Eng.º Técnico Agrário António Manuel Inês Figueiro esteve ausente de Loulé durante largos anos e por isso nos parece justificar-se plenamente o que tem sido a sua actividade na profissão a que se dedicou, tornando-o conhecedor do mundo rural e cujo prestígio está bem explícito no seu «curriculum vitae», que podemos resumir no seguinte: de 1952 a 1956, desenvolveu a sua actividade em Chaves, serviço na batata-semente, na Estação Agrária de Viseu (Assistência técnica aos Grémios da Lavoura e orientador de vários cursos de podadores de oliveiras), na Estação Agrária da Senhora da Hora no Porto — campanha de utilização do calcário para rectificação de solos e na Repartição de Serviços Fitopatológicos em Lisboa. De 1956 a 1974, foi administrador residente na Praça Bela Vista da Ilha do Príncipe e das Roças Praia das Conchas e Plantas, na Ilha de S. Tomé.

A partir de 1975 o seu trabalho tem-se debruçado sobre os problemas da agricultura do Algarve. No Serviço de Apoio e Desenvolvimento Agrário na Região do Algarve. No Centro Regional de Reforma Agrária de Faro — actividade desenvolvida nos sectores de arrendamento rural, associativismo, Crédito Agrícola de Emergência e Comissões Arbitrais. Na Direcção Regional de Agricultura do Algarve.

A partir de 1980 é o responsável pela Zona Agrária 3 — Loulé — seu levantamento, montagem e funcionamento.

O eng. técnico agrário Figueiro é, pois, um nosso conhecido, um homem absorvido pelo trabalho em benefício da agricultura no Algarve, sempre disposto a dar-nos as declarações necessárias para um melhor esclarecimento do que se passa no nosso mundo rural. É o que podemos ver nesta entrevista dada à «A Voz de Loulé», jornal que procura transmitir a voz regionalista da razão ao serviço de todas as camadas sociais, sobretudo, as mais desfavorecidas.

★

Considerando que a extinção do ex-Grémio da Lavoura fora o pretexto principal desta entrevista, perguntámos ao nosso amigo Figueiro quando é que essa situação tinha sido oficializada e que objectivos prioritários.

A. M. F. — De facto, a Comissão Liquidatária do ex-Grémio da Lavoura nomeada após o 25 de Abril, foi exonerada das suas funções, e nomeada outra por Despacho conjunto dos Ministérios do Trabalho, da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo em 1 de Julho de 1980 e publicada no «Diário da República» em 16 de Julho do corrente ano, constituída por três funcionários da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, (sendo eu um dos três), e por um funcionário do ex-Grémio, o sr. Vítor Correia.

A nossa função é, pois, a de procurar no mais curto espaço de tempo, o que calculo até fins de Outubro próximo, integrar o ex-Grémio da Lavoura com todo o seu activo e passivo nas Cooperativas Agrícolas do nosso concelho.

V. L. — Diz-se que dos 8 funcionários que tinha antes do 25 de Abril, o quadro passou para 16 e que estes foram «seleccionados» entre simpatizantes do P. C., a maioria dos quais passava os dias encostados à parede e nas tabernas vizinhas. Garantem-nos que é autenticamente verdade porque era um facto comprovado. Tens conhecimento desta rebaldaria?

Parece que a prática daquela época era que os trabalhadores tinham direito ao descanso e não direito ao trabalho, como se apregoava.

Queres acrescentar algum comentário?

A. M. F. — Presentemente o ex-Grémio da Lavoura tem, efectivamente, 16 funcionários, o que constitui, sem sombra de dúvida, um quadro muito pesado em relação às suas reais necessidades e dificulta a sua integração nas Cooperativas Agrícolas.

É possível que tenha havido pouco controle nos serviços, o que acabou por originar possíveis abusos de alguns funcionários menos cumpridores.

V. L. — De fonte fidedigna soubemos que a Comissão Liquidatária do Grémio, e que foi nomeada após o 25 de Abril, desde há anos que acabou, finalmente, por motivar o saneamento dos elementos afectos ao PC, os quais causaram avultados prejuízos àquele organismo, não só pelo absoluto descontrolo de toda a maquinaria, como ainda por os seus dirigentes se preocuparem mais em servir o Partido do que em servir a lavoura.

Podés acrescentar mais alguma coisa sobre este assunto?

A. M. F. — Uma coisa é certa. De início a ex-Comissão Liquidatária dedicou-se aos assuntos do ex-Grémio da Lavoura com afinco e vontade de servir, aumentando não só em quantidade mas também em diversidade de produtos o seu stock, o que, em abono da verdade, era contrário aos fins para que, não só esta, mas todas, as Comissões Liquidatárias foram criadas, ou seja liquidação e integração em Cooperativas Agrícolas já existentes, ou a formarem-se, como foi o caso da «Mãe Soberana, do Ameixial e Monte Novos no nosso concelho.

Não se pensando pois na liquidação, a partir de certa altura, a ex-Comissão Liquidatária começou a contrair encargos que não conseguindo supe-

OUTONO todos os anos!

(continuação da pág. 1)

lor na areia que muitos pés percorreram, para um mergulho na frescura desentorpecente do azul, o teu azul, oh mar que meu corpo acariciaste e em que meus olhos navegaram...

E tu, pescador, ficaste, porque é aqui a tua luta: dizes que o Outono chegou... Os outros partiram... eles queriam o sol!

Como tu, eu gosto do Outono. Ninguém é dono do sol, por isso eles partiram... Mas nós ficámos, na nostalgia dos dias cada vez mais pequenos, e as

noites que crescem! A chuva já cai, o vento chegou! O Inverno virá... E tu, pescador que ficaste, estarás no mar... Não partiste, porque não queres o sol, queres sobreviver na vida que amas, porque melhor não conheceste, para ti ela sempre foi dura, mas é a tua vida, e é por isso que a disputas à tempestade, através das ondas revoltas... E que há-de chegar outro verão, e tu queres viver...

Mas agora, é Outono, e eu gosto do Outono, os frutos maduros foram colhidos, os cereais ceifados, e quem pode medita em mais um ano que passou e outro que há-de vir, sempre diferente... porque a esperança é ainda: o amanhã melhor (que talvez nunca chegue), mas há-de vir!

Na realidade, somos homens insaciáveis, e, todos os anos há Outono...

A Voz de Loulé, n.º 802, 30-10-80

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

JACINTA CARDOSO

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé e 1.ª secção, nos autos de acção de reivindicação com processo sumário com o n.º 157/78 que correm termos pela 1.ª secção, em que são autores Manuel Guerreiro, agricultor e mulher Virgínia Jacinta Augusto, doméstica, residentes no sítio do Deserto, freguesia de Salir, concelho de Loulé, e réus, Jacinta da Palma ou Jacinta da Palma Rocha e outros, são citados os réus MANUEL ROCHA LUÍS e mulher MARIA VALENTINA SEBASTIÃO GONÇALVES, actualmente a residir em parte incerta da França e com a última residência conhecida no sítio do Deserto atrás referido, para contestarem, querendo, devendo apresentar a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido que os autores deduzem no processo e que consiste, em síntese, em os réus serem declarados habilitados como únicos e universais herdeiros de Manuel Luís e serem condenados a reconhecer os autores como proprietários do prédio identificado no n.º 2 da petição inicial, a indemnizar os ditos autores pelos prejuízos que lhes causaram, no valor de 2 500\$00 e serem ainda condenados nas custas e procuradoria consigna.

Loulé, 1 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,

a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,

a) João do Carmo Semedo

JARDIM DOS AMUADOS

Postal Ilustrado de Loulé

(continuação da pág. 1)

correndo, os «índios» que tudo destroem. Mas é pena que, pelo menos, nos meses de verão, não haja possibilidade de manter o Jardim aberto todo o dia, e talvez o orçamento camarário não ficasse desequilibrado, com semelhante medida.

Vem isto a propósito, de notícias vindas a lume, neste jornal, que nos dão a entender, que se pretende macular o belo panorama que daquele miradouro se divisa, com construções, que até já se acusam do muro da vergonha de Loulé. E a ser assim, as coisas vão mal por aí. Pois as liberdades e direitos individuais têm limites, que cessam, quando afectam os da colectividade. E é pena, que assim aconteça com um jardim, que é na verdade, um dos mais belos postais ilustrados da nossa vila.

Oxalá que o bom-senso acabe por prevalecer no meio de tudo isto. Pois aquele Jardim, juntamente com a sua principal avenida e o monumento a Duarte Pacheco, formam uma trilogia, que não pode ser violada.

Que «A Voz de Loulé» não esmoreça na defesa e integridade do património arqueológico, cultural, ecológico e turístico do concelho, são os votos que daqui formulamos.

MACHADO PINTO

Vende-se Horta

Na zona das Hortas de Faro, com água e árvores de fruto.

Tratar pelo telef. 62939 — Loulé.

(6-4)



APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA. TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D. AFONSO III R/C, (JUNTO AO RESTAURANTE «A MINHOTA») — QUARTEIRA, OU PELO TELEFONE 65852 (das 20-22 h.).

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia, N.º 21 — Telef. 62406

LOULÉ

QUARTEIRATUR

AGENCIA IMOBILIARIA E TURISTICA

ALUGUER VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

O Algarve prestou homenagem a Eugénia Lima

(continuação da pág. 1)
sical se lhe dedica assim tão devotadamente, bem merece o reconhecimento público, a admiração, a estima e o reconhecimento de quantos vêem na música uma arte sublime que é preciso estimular para que através duma maravilhosa harmonia e sons possa contribuir para uma melhor e mais saudável confraternização entre os homens, quaisquer que sejam as suas raças ou credos políticos.

No dia 11 de Outubro de 1980, Loulé e o Algarve provaram que isto é verdade porque o público esgotou completamente o Cine Teatro Louletano e porque nem o dobro da sua lotação teria chegado para satisfazer todos os pedidos de pessoas que queriam estar presentes na homenagem a Eugénia Lima, que, com a sua presença amiga entenderam dever testemunhar-lhe a sua admiração, o seu reconhecimento pelo muito que tem feito ao longo de 50 anos para tornar mais conhecida e popular a música algarvia, em particular, e a música portuguesa em geral. Queriam dizer-lhe do fundo do seu coração: obrigado Eugénia Lima. Valeu a pena teres vivido para tornares mais bela a música que tens tocado. Valeu a pena teres nascido acordeonista para nos deliciares com a beleza dos sons que a magia das tuas mãos sabe provocar com aquela habilidade com que Deus dotou os grandes artistas. Valeu a pena estar activa e lúcida aos 54 anos para viveres a alegria duma festa que encheu de regozijo não apenas as dezenas de acordeonistas que estiveram presentes em Loulé, mas também todo um público que entusiasticamente te aplaudiu com aquela espontaneidade de quem sabe vibrar com acontecimentos que tocam bem no fundo do seu coração.

Aquela multidão que encheu o cinema de Loulé e ali foi para homenagear Eugénia Lima, revelou-nos também, e muito nitidamente, a simpatia que o Povo do Algarve continua tendo pelo acordeon, (que aqui também é muito conhecido por **fole** ou **harmónio**) e que este magnífico instrumento musical vai continuar a ter apaixonados executantes através dos numerosos jovens que estiveram no palco e se estream para revelar as suas habilidades e mostrar ao público da nossa província que o acordeon não vai desaparecer, apesar da complexa aparelhagem electrónica com que se transmite hoje a música.

E é bom que não acabe porque, embora se trate de um instrumento com acessórios exóticos, como o **cheng**, originário da China, a verdade é que o acordeon foi inventado pelo austríaco Damion Hackel em 1828 e teve como precursor o francês C. Buffet (1827) e desde que entrou em Portugal teve grande aceitação no Algarve, pelo que aqui se tornaram famosos alguns grandes nomes que constantemente são recordados e que no passado dia 11, tiveram verdadeira consagração.

De resto, quem é que, tendo

hoje mais de 40 anos não se recorda desses 2 grandes «ases» do acordeon algarvio que foram José Ferreira, pai e filho, que fizeram uma época de autêntico delírio das multidões, que os aplaudiam e dançavam alegremente ao som das suas famosas músicas?

E quem não se lembra desse grande acordeonista que é Filipe de Brito, há tantos anos ausente dos palcos algarvios, mas nunca esquecido pelos apreciadores da sua arte musical? E de seu pai José de Brito, do Arieiro, e dos seus familiares José de Brito, da Pedragosa, Francisco de Brito, Joaquim de Brito e Abílio de Brito, acordeonistas que fizeram a sua época e são testemunhas vivas de quanto o harmónio «contagia» os familiares e os leva a serem continuadores naturais de uma arte sempre bela e que nunca morrerá.

E podemos ainda citar os nomes de António Mestre, natural de Lagos, e que foi figura de primeiro plano nos áureos anos do acordeon no Algarve e ainda esse outro acordeonista igualmente muito conhecido; João Barra Bexiga, que também se evidenciou como um autêntico valor na arte a que se dedicou de alma e coração.

Com especial evidência para Ilda Maria e sua filha e ainda para os irmãos Manuel e Vitalino de Sousa, estiveram presente no palco de Loulé vários jovens que atestam quanto o ambiente familiar influe no gosto pela aprendizagem do acordeon, o que nos dá a certeza da sua continuidade nestas terras do sul, até porque as Escolas de Acordeon de Fernando de Carvalho, de Loulé e Maria Dulce Gonçalves, de Faro contam com numerosos alunos que já estão a revelar-se como autênticos valores a aproveitar para prestígio da nossa terra num instrumento musical de feição nitidamente popular e que por isso, também, é importante se não perca.

Não podemos deixar de salientar os merecidos aplausos de que alguns jovens foram alvo após execuções que se podem considerar excelentes para quem, aos 7 anos de idade, já tem nível para se apresentar em público e... fazer boa figura, a ponto de arrancar da assistência calorosos aplausos.

Muito aplaudidos foram também experimentados acordeonistas da «Velha Guarda», alguns dos quais há largos anos se não apresentavam em público mas que não podiam estar ausentes duma festa de verdadeira exaltação ao acordeon. E não podemos deixar de mencionar os seus nomes porque, na verdade, a sua dedicação à música justifica plenamente que os felicitemos pelo trabalho realizado ao longo das suas vidas como valioso contributo à divulgação da música popular.

Além dos já atrás citados, podemos salientar a presença de mais os seguintes executantes: António Madeirinha, José Padeiro, Fernando Carvalho, José Guerreiro, Manuel Matias, Pas-

coal Viegas, Hermenegildo Guerreiro, Armando Pires, Manuel Simões, Rodrigo Machado, Fernando Inês, Custódio Seródio, Manuel João, Joaquim Tomás, Joaquim Martins Pontes, Eduardo Correia Angelo, Natália Gonçalves Renda, Ana Cristina, Carlos Alberto Cerqueira, Carlos Alberto Miguel, Maria Dulce Gonçalves, António Rodrigues Guerreiro, Manuel de Sousa, Vitalino de Sousa, Henrique Guerreiro, Alvaro Batista Carminho e Francisco Ervilha, que foi também um grande entusiasta desta festa, prestando valiosíssima colaboração através da cedência da sua aparelhagem electrónica, com este espectáculo foi valorizado.

A título de curiosidade podemos acrescentar que o nosso conterrâneo José de Brito (da Pedragosa) participou num concurso de acordeons, em Faro, no ano de 1940 e empatou com Andrade, tendo por isso o 1.º prémio sido dividido entre am-

bos. António Mestre alcançou o 3.º prémio.

Recordando a época já distante do seu primeiro encontro com essa grande artista que viria a ser Eugénia Lima, contou-nos o sr. José de Brito que um dia a visitou em casa de seus pais, onde tocou alguns números. No final, Eugénia Lima, apenas com 6 anos de idade, olhou para o pai e teve este desabafo: «oh pai, o algarvio toca melhor do que eu». E era verdade, mas foi por poucos anos, pois essa garotinha depressa se fez mulher e foi uma autêntica revelação que todos nós conhecemos hoje. Entretanto José de Brito acompanhou-a em muitas festas e, há 50 anos, participou na sua estreia em Loulé.

Também por esse motivo estava muito satisfeito por poder assistir a tão simpática festa de homenagem a uma colega de tantos anos.

Mas a grande Eugénia Lima foi, evidentemente, a figura

central a justificar a presença amiga de tanta gente que veio de perto e de longe para a aplaudir, para a ouvir tocar, para a saudar, para a felicitar, para lhe dizer: PRESENTE. Por isso o cinema se encheu e a desolação era geral de quantos não conseguiram um lugar para estar sentado ou de pé, pois o importante era ver e ouvir Eugénia Lima. A única alternativa possível foi a colocação de aparelhagem sonora no exterior do edifício para que, mesmo na rua, as pessoas pudessem ouvir o decorrer do espectáculo, tão vibrante de emoções, tão quentes de aplausos dum público que soube participar nos acompanhamentos e nos coros de alegria esufante que ecoaram por toda a sala. E tudo isso porque tinha na sua frente essa artista inconfundível que é Eugénia Lima e que os algarvios desde há tantos anos se tinham habituado a ouvir e aplaudir, até (continua na pág. 5)

SANDER VAN GELDER

O MITO?!

(continuação da pág. 1)
ços, contrário à desordem do sistema inflacionário em Portugal, acusando de falta de dinamismo os governos e o Povo Português pela sua falta de inteligência.

Estava o empresário holandês de origem judaica muito confiante das capacidades turísticas Portuguesas e particularmente Vale de Lobo e a província Algarvia, porventura pela facilidade de recurso à mão de obra barata e ingénua.

As actividades começaram e Sander Van Gelder rompeu do nevoeiro do descrédito provocado pelas más línguas suas vizinhas holandesas que silenciosamente vinham contando histórias, quem sabe se verdadeiras, da razão da sua fortuna, da sua forma um tanto anormal de efectuar negócios, dos seus problemas pessoais e familiares, do seu temperamento, do seu equilíbrio psíquico o qual se dizia requerer tratamento periódico, do quanto era influente e explosivo, dos seus propósitos em Portugal, havendo muitos que até trazendo a bola de cristal tinham a ousadia de afirmar (ou caluniar?), que haveria no futuro de acontecer uma grande fraude a ser suportada pela Banca Nacionalizada e o Povo Português, pela tradicional fuga de capitais, as várias contas no estrangeiro para as quais os fundos seriam desviados e até para cúmulo uma pretensa sede social em qualquer país sem lei.

Mas, Sander Van Gelder continuou impassível o seu caminho, admitindo e demitindo, fazendo fugir quem atrapalhava, assustando pela acção psicológica duma organização de segurança ilegal armada, fechando estradas, sinalizando locais, proibindo e institucionalizando o seu ponto de vista pessoal, impedindo o acesso aos locais públicos a clientes que por somente embriração ou falta de vasalagem, classificava de **personas non gratas**. Cortando a água à zona impondo lombas na estrada que teve de retirar, (recuou finalmente), opondo-se ao uso dos contentores de lixo camarários como represália à não concordância dos proprietários das vilas de V.D.L. em pagar os por estes chamados de ilegais, arbitrários e exagerados serviços públicos.

Van Gelder, impunha-se à laia de «Cosa Nostra» e conseguindo até colocar trabalhadores na perspectiva de agredirem os proprietários como argumento para defenderem os seus postos de trabalho.

Enfim, Sander Van Gelder ultrapassava os obstáculos que se lhe deparavam perante a apatia conivente das autoridades

civis e camarárias, às quais, quando à sua presença era chamado, com desprezo se limitava a não comparecer ou tão somente mandava emissários.

E S. Van Gelder mandou fazer coisas bonitas, conseguindo, financiamentos da Banca Nacionalizada e do Turismo com base no aumento global do número dos postos de trabalho, mas, para contratos a prazo é claro.

Obras cuja concepção, honras de autor e herói totalmente lhe pertenceram como aliás não podia deixar de ser, ignorando egoisticamente a capacidade de quem tal trabalho efectivamente realizara.

Foi assim; o «Centro de Ténis Roger Taylor» que se encontra sem significado, o «Se Bon Vivant» enquanto original e atraente, o «Kasbah», enquanto um night Club marroquino decente e não um círculo de depravação, repetição de shows e marginalização aos artistas Portugueses, o Restaurante «Rotunda» sem imaginação, o Restaurante «Bistro» enquanto novidade especulativa, o Club de Golf enquanto club de amigos desportistas, local de convívio e competição salutar e por fim Vale do Lobo enquanto um local calmo de descanso, férias e segurança e não uma fortaleza de ameaças e gritaria.

Sander Van Gelder continuava falando dos milhares de hectares por cima e por baixo, dos inúmeros empregos que criava dia a dia, das condições fantásticas que oferecia aos seus empregados: carros, gasolina sem limite, casa, vivenda, apartamentos, descontos, tudo à borla, viagens, sonhos, percentagens em vendas, etc., etc.

Os mapas, gráficos, expostos e publicados dando imagens positivas dos lucros e desenvolvimento das Empresas são uma preocupação constante, sim, porque agora V.D.L. era a Empresa mãe de um grupo de empresas subsidiárias criadas por Van Gelder, quicá se apenas para facilitar a gestão?!

É preciso criar imagem, insistia Sander Van Gelder, convidam-se jornalistas e pessoas importantes e influentes para festas e fins de semana, é preciso que falem bem de Van Gelder e Vale do Lobo.

As reportagens, as condecorações, as honras de homem do Turismo do ano começam a surgir, claro está, vindas de jornalistas e personalidades conceituadas, isentas, conhecedoras da situação, tanto que não hesitaram em pôr em dúvida o seu brio, e capacidade profissional de avaliação em jogo.

Agora, Vale do Lobo era uma Empresa de Presidentes e vice-Presidentes, Directores dos Di-

rectores de Directores, Directorzinhos de chefes e chefinhos, os trabalhadores escasseavam, a mesa do Board era afinal pequena demais!?!...

Continuavam os relatórios, os sumários, sempre espectacularmente optimistas de exuberância e exagero sobre a subida dos preços, das divisas e outras coisas agora por fim consideradas legais a entrar em Portugal pelos alugueres e vendas de vivendas e terrenos, enquanto o desfile alegórico e carnavalesco das zebras, dos rádios, das pistolas, das lâmpadas giratórias e das agressões continuava sempre em bom ritmo. As referências elogiosas ao Prince Henry International College, protótipo do que deveria ser a Educação em Portugal recebe a silenciosa concordância do Ministério da Educação e Cultura.

As comunicações, os telefones, os telex modelo, para os CTT/TLP parecem também ir ser uma lição!... Os transportes, esses ao menos ninguém pode pôr em dúvida!?!...

Mas só para quem pagar os serviços públicos voluntariamente.

E traz!... começa a distribuição do poder, os grupos dos homens de confiança de Van Gelder guerreiam-se como lobos famintos prontos a devorar uma presa que adivinham já moribunda, Sander Van Gelder!?!...

A chamada **Mafia de Vale do Lobo** divide-se em grupos, estrangeiros ilegais no País, sem autorização de trabalho são empregados em V.D.L. apresentam diplomas falsos, dizendo-se Doutores e Directores para formar as claques de apoio aos chefes numa luta de morte pela posse dos meios de gestão. A polícia de emigração, o serviço de estrangeiros, é insistentemente avisado, mas ignora?!...

Mais palhaçadas, mais circo, mais golpes jornalísticos de promoção, as secções começam a perder dinheiro, as receitas diminuem progressivamente, as despesas aumentam, agora já só há praticamente Directores para assinar as contas-crédito, os clientes rareiam, estão cansados do pandemónio de excentricidade e extravagância.

Sander Van Gelder tenta desesperadamente a colaboração de técnicos de Turismo de reconhecida competência, mas, é sol de pouca dura, estes chegam e abalam porque se apercebem que Vale do Lobo está talvez a rebentar pelas costuras.

A Associação de Proprietários inquietam-se e após uma aparente espera de elementos informativos fornecidos pela famosa Coopers and Lybrand auditores, está agora finalmente na plena posse de dados comprovativos (continua na pág. 5)

AGÊNCIA DOCUMENTÁRIA

RIBEIRO

TRATAMOS DE:

- Legalização de automóveis estrangeiros (emigrantes)
- Renovação de cartas de condução
- Averbamentos ou substituições de livretes
- Titulos de propriedade
- Licenças de Circulação
- Declarações
- Requerimentos ou qualquer documentação comercial
- Seguros

Rua Maria Campina (antiga R. da Carreira)
Telefone 63103 — LOULÉ

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
INSPECÇÃO-GERAL DE FINANÇAS

Parecer da Inspeção-Geral de Finanças

Sobre as contas do exercício de 1975 da «Quarteirasol — Sociedade Turística, SARL», para efeitos do Decreto-Lei n.º 75-E/77, de 28 de Fevereiro.

1. É parecer desta Inspeção-Geral, de acordo com o exposto no relatório do exame à escrita, que as contas apresentadas pela empresa carecem dos seguintes esclarecimentos:

a) O saldo de «Caixa», no montante de 104 234\$90, foi obtido da escrita. Contudo, a falta de comprovantes, bem como de relatórios da secção de control, não permitiram a sua confirmação.

b) O saldo de «Bancos» encontra-se afectado de uma diferença, desfavorável à Quarteirasol, de 413 374\$62 que não foi possível explicar.

c) Relativamente à conta de «Clientes» salienta-se que não foram encontradas, em regra, os comprovantes referidos nas fichas de contabilidade e que à circularização (de cerca de 2/3 do saldo) respondeu um só cliente, cujo saldo era pouco significativo. Detectaram-se saldos estáveis no montante de 737 contos, ou seja 12% do total.

d) Considera-se insuficiente, em termos de gestão, o montante do saldo evidenciado pela «Provisão para Clientes de Cobrança Duvidosa».

e) As deficiências observadas na movimentação e contabilização das existências impediram a verificação dos saldos das várias rubricas.

f) A rubrica «Outros Valores Imobilizados» respeita a uma participação financeira na «Agência Polar, Lda», adquirida pelo valor nominal.

g) O saldo credor de «Fornecedores» respeita em cerca de 72% à «Algarvesol», accionista maioritário.

h) Quanto à conta de «Devedores e Credores Especiais» considera-se de salientar o seguinte:

Saldo devedor — inclui duas verbas que respeitam: uma, de 363 contos, à parte do capital subscrito mas não realizado; outra, de 276 contos, que transitou, na sua maior parte, de

exercícios anteriores e de que não foi possível apurar a origem e natureza;

Saldo credor — inclui dívidas a pagar ao Estado e à Previdência (que rondam os 9 800 contos) e à «Algarvesol» (cerca de 18 800 contos).

Relativamente à «Algarvesol», apurou-se uma diferença, desfavorável à «Quarteirasol», de cerca de 21 800 contos, que não foi possível explicar, por falta de correspondência entre os registos contabilísticos de ambas as

empresas e porque os documentos respectivos eram, na sua maior parte, de origem interna.

Por Resolução do Conselho de Ministros de 28/8/75 publicado no Diário do Governo (1.ª Série) de 13-9-75 foi decidida a intervenção do Estado nesta empresa ao abrigo do Dec. Lei n.º 660/74 de 25 de Novembro.

A Comissão Administrativa nomeada ficou completa em Outubro pelo que o período da sua gestão se resume a cerca de 2,5 meses.

Sendo uma sociedade de exploração hoteleira os problemas do Quarteirasol encontram-se fundamentalmente no campo da produção e da venda.

Pela análise que se fez da empresa constatámos vários pontos fracos procurando-se a sua resolução.

De entre estes salientam-se:

a) Inexistência de uma direcção do complexo em exploração;

b) Infraestruturas técnicas de

apoio deficientes, ou mal dimensionadas;

c) Controlo da produção em estado precário.

Esperamos que tais problemas sejam parcialmente resolvidos durante o ano de 1976, embora as perspectivas não sejam optimistas.

Comissão Administrativa Quarteirasol

António Pais Vassado Pereira Manuel Farinho Dias

João Inácio Rosa Silva

QUARTEIRASOL
RELATÓRIO DO EXERCÍCIO DE 1975

i) Na conta de «Ganhos e Perdas» deverá realçar-se a rubrica «Rendas», cujo montante de 8 139 contos respeitava a rendimentos a pagar aos proprietários dos apartamentos e moradias que a empresa tem vindo a explorar.

Note-se que os apartamentos e moradias foram objecto de

contratos de administração celebrados entre a «Algarvesol» e seus clientes, mas aquela empresa incumbiu a «Quarteirasol» da sua exploração sem que fosse apresentado acordo escrito sobre as condições de cedência.

2. Quanto aos restantes aspectos das contas de 1975, não se detectaram outras situações

dignas de registo especial.

3. O exame à escrita, para elaboração do presente parecer, incidiu essencialmente sobre as operações relativas ao exercício de 1975, tendo sido adoptado métodos de amostragem.

4. Finalmente, considera-se de referir que não foram elaborados o relatório do Conselho

de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, em virtude da intervenção do Estado na empresa.

Lisboa, 16 de Abril de 1980.

O Subinspector-Geral, por subdelegação,

(assinatura ilegível)

BALANÇO DO QUARTEIRASOL — SOC. TURÍSTICA, SARL EM 31 DEZ. 1975

Table with columns for ACTIVO and PASSIVO. Includes sub-sections like DISPONÍVEL, TERCEIROS, EXISTÊNCIAS, IMOBILIZADO, SIT. LIQ. PASSIVA, and CONTAS DE ORDEM.

Table with columns for PASSIVO and SITUAÇÃO LIQ. ACTIVA. Includes sub-sections like EXIGÍVEL A CURTO PRAZO, FORNECEDORES, CAPITAL, and CONTAS ORDEM.

CONTA DE GANHOS E PERDAS 1975 — QUARTEIRASOL, SOC. TUR., SARL

Table showing income and expenses for 1975, including Saldo de Anos Anteriores, Quartos Hotel, Rest. Hotel, Bares e Cave Hotel, etc.

Table showing income and expenses for 1975, including Quartos Apart., Rest. Apart., Caves Bares Apart., etc.

SALIR — LOULÉ



JOSÉ TOMÁS

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos, nora e restante família reaceando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada, numa sentida manifestação de pesar que não poderemos esquecer.

Que agricultura temos tido Que agricultura vamos ter

SANDER VAN GELDER
O MITO?!

(continuação da pág. 2)
rá-los, veio complicar o dia a dia do Grémio. Não obstante este contratempo, aumenta-se, talvez além do necessário, o número de funcionários o que ainda mais veio sobrecarregar os encargos já vultuosos.

V. L. — Parece-nos que é oportuno lançar o passado às urtigas e falar em termos de futuro.

Que projectos, que intenções, que colaboração contas para dinamizar a Cooperativa e colocá-la, efectivamente, ao serviço da agricultura regional?

As máquinas, os utensílios, a organização está totalmente descontrolada? Que pensas fazer para tornar operacional um organismo de que a lavoura está tão carecida?

A. M. F. — Estou plenamente de acordo contigo quando dizes que é melhor esquecer o passado e irmos falar em termos de futuro, pois é no futuro que em unísono teremos de apostar, trabalhando para que haja mais riqueza, mais amor e paz para todos.

A Cooperativa Agrícola «Mãe Soberana» acho ter todas as condições para responder cabalmente às necessidades dos seus associados, pois as pessoas que integram os corpos directivos, do seu métier, dinâmicas e com são agricultores conhecedores vontade firme de evoluir. O que tem dificultado a sua acção e expansão irá ser em parte ultrapassado com a percentagem que lhe couber da liquidação do ex-Grémio da Lavoura, principalmente em instalações e máquinas agrícolas. Assim, estou convicto, de que esta Cooperativa irá ter papel preponderante na melhoria de vida de todos os seus associados, e, como a sua área social abrange talvez mais de 50% do concelho de Loulé, o mesmo será dizer que poderá ter uma acção importante no arranque para o progresso da agricultura do nosso concelho. É claro que para tal, necessita de apoios das entidades oficiais principalmente da Direcção Regional de Agricultura do Algarve. Pelo que conheço desta Direcção Regional, sei, que tanto o seu Director como o Sub-Director estão totalmente abertos para todo o apoio possível às Cooperativas Agrícolas, assim como a todos os agricultores do Algarve.

V. L. — A Cooperativa vai prestar assistência com as suas

máquinas, os seus utensílios? Vai proceder à venda de adubos, pesticidas, farinhas, alfaias? Em que condições? Quando estará operacional?

A. M. F. — Concerteza que a Cooperativa irá prestar aos seus associados apoio em máquinas e respectivas alfaias, assim como fornecimentos de adubos, farinhas, herbicidas, fungicidas, insecticidas, sementes seleccionadas, etc.

V. L. — Dizem-nos que dos 18 funcionários do ex-Grémio vão ficar apenas 5. É verdade? Já foram indemnizados?

A. M. F. — A Cooperativa está de facto interessada em cinco funcionários do ex-Grémio da Lavoura. Os funcionários que não se conseguiram colocar em Cooperativas ou serviços estatais serão indemnizados, indemnizações estas que já foram calculadas, com as quais em princípio, os mesmos estão de acordo.

V. L. — Achas que os agricultores da nossa região vão aderir à Cooperativa e colaborar no sentido de ambas as partes tirarem mútuo proveito como a todos convém e, em especial a um País que tanto precisa de uma agricultura virada a uma mecanização eficiente e rentável?

A. M. F. — A Cooperativa conta já, salvo erro, com cerca de duzentos associados, e penso que, quando tiver as suas instalações próprias, possivelmente as do ex-Grémio da Lavoura, a sua expansão e desenvolvimento irá ser progressiva e com bastante aderência de novos associados. Se a Cooperativa se souber estruturar condignamente, e penso que sim, e ter capacidade de resposta aos anseios dos associados, e estes se penetrarem igualmente dos seus deveres de associados, acredito que ambas as partes serão beneficiadas.

V. L. — A Cooperativa do Ameixial tem viabilidade económica ou irá ser integrada na de Loulé?

A. M. F. — Sobre a Cooperativa do Ameixial não me posso pronunciar. No entanto, fazendo uma análise à distância, e muito superficial, presumo que a viabilidade económica da mesma não deverá ser famosa, até porque abrange única e somente a sua freguesia. Não deixa de ser viável, que a curto ou médio prazo, se possa dar a integração desta Cooperativa na da «Mãe Soberana», mas é, assunto, que só a ambas as Cooperativas dirá respeito, e que só elas deverão resolver.

Para terminar, resta-nos agradecer a António Manuel Fanguero o ter-nos concedido uma entrevista esclarecedora daquilo que se tem feito e se pretende fazer pela agricultura da nossa região, tão carecida de um desenvolvimento mais compatível com as necessidades actuais de consumo e que possa proporcionar aos agricultores um grau de rentabilidade que sirva de estímulo a novos e mais ousados empreendimentos.

Para tanto é necessário que o Estado apoie a agricultura e seja correspondido através de um aumento de produção de que resulte melhores condições de vida para quem trabalha a terra — generosa e boa quando bem cuidada.

Os agricultores do concelho de Loulé devem compenetrar-se das grandes vantagens actuais do cooperativismo e por isso devem aderir à Cooperativa «Mãe Soberana», pois assim defenderão melhor os seus interesses e darão mais forte contributo ao progresso da agricultura. E, juntos, terão mais força para pedir ao Governo que olhe pelos seus interesses e tome medidas urgentes para que o problema das crescentes carências de água no Algarve dei-

xe de ser uma preocupação constante de quem pretenda alargar as suas áreas de cultivo, através da criação de novas zonas de horticultura e para as quais o Algarve está vocacionado e que mais ainda poderá estar quando os agricultores algarvios se convencerem de que a entrada de Portugal para o Mercado Comum pode exigir que a nossa província seja a «Horta da Europa» porque podemos ser os primeiros a colocar nas grandes cidades os produtos hortícolas que aqui se desenvolvem mais rapidamente devido à amenidade do nosso clima e à ausência de geadas e neves que tanto atrasa o aparecimento de produtos agrícolas doutras regiões da Europa.

O Algarve precisa, urgentemente, de ter uma agricultura evoluída e ao nível da Europa Ocidental, pois só assim valerá a pena continuar a semear e a plantar árvores.

Mas muito pouco poderá ser feito enquanto não estiverem mais ou menos asseguradas fontes de abastecimento de água que ofereça garantias de que uma pequena seca não será catastrófica.

J. B.

(continuação da pág. 1)
de fraude nos relatórios. Zangam-se os compadres descobrem-se as verdades. O jornalista é despedido, atiram a primeira pedra, jornais que tanto apoiaram as iniciativas de Sander Van Gelder são agora os seus carrascos.

Boom!... Do Boom das inspecções de finanças, das responsabilidades, ninguém quer falar, os despedimentos são um facto consumado, os fabulosos projectos do futuro são substituídos por palavras como saneamento financeiro ou liquidação, as descobertas sensacionais do conhecimento de todo o mundo parecem agora ser a conclusão das previsões gerais, às desculpas aos inimigos sucede-se o recolhimento de Sander Van Gelder.

O homem glorioso de capacidades e dinamismo acima do vulgar, o «homem do Turismo do Ano», o cérebro promotor, o fantástico, o maior, parece ser agora um homem só, quase sem amigos, os colaboradores jogam com o pau de dois bicos, as pessoas competentes e de confiança não previram nenhum desastre ou colapso e eram VIP's (very important persons) riem-se, os protectores negam-se e

contradizem-se, mas o golpe de misericórdia está para vir!...

O México ou Far East (?) são explorados como a fuga conveniente, Sander Van Gelder é agora julgado o culpado único, os que enriqueceram, se promoveram, tirando partido da sua força e da sua fraqueza com a conivência das autoridades existem e existirão melhor no futuro não têm problemas, quanto aos financiamentos da Banca, as dívidas à Previdência e aos fornecedores.

O Governo democraticamente eleito pelo Povo Português, os políticos e as autoridades desde a G. F., P. S. P., G. N. R., P. J., P. E., actividades económicas e a Câmara Municipal levaram só dois anos a descobrir coisinhas irrelevantes como o pequenino Yacht escondido debaixo da Marina de Vilamoura e os carrinhos estrangeiros, o Banco de Portugal parece que já tem pensado nisso (!).

Quem sabe se Sander Van Gelder afinal é mesmo um mito que não agride a moralidade dos Portugueses (antes talvez a exemplifique (!)) e é o Imperador Nero reincarnado governando a sua Sicília Algarvia. Há País dum raio!...

J. N.

Tal pai Tal filho.



A Ford lança, agora em Portugal, a nova geração de Tractores Ford da série 1000. Os mini-Tractores Ford foram concebidos para proporcionarem uma excelente adaptação aos mais variados tipos de tarefas. Tais como os trabalhos nas vinhas, nos pomares, nas áreas de horticultura, ou nos campos de golf, etc. Com:

- Motor Diesel;
- 12 velocidades;
- Controle de profundidade;
- Tracção às quatro rodas;
- Blocagem de diferencial.

E é um gosto vê-los a trabalhar. Porque, tal como toda a gama de Tractores Ford, os novos modelos da série 1000 possuem uma notável capacidade de trabalho. Tal pai... Tal filho...

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS.
COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



PROPRIEDADES

Vendem-se

— Com a área aproximada de 25 000 m², junto à estrada de Boliqueime — Loulé, a 4 Km do Poço de Boliqueime. Tem amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras e oliveiras.

— Com a área de 5 000 m² no sítio da Barracosa — Boliqueime (junto às hortas e linha de caminho de ferro) com amendoeiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Tratar com Maria Elisa Eloi Trindade — INATEL — ALBUFEIRA.

(2-1)

ALUGA-SE

Pretende-se alugar casa de habitação ou armazém pequeno na zona Loulé-Faro.

Resposta ao Apartado 41 — ALMANCEIL.

(2-1)

O RALY URBIBEL-ALGARVE

desperta as atenções dos grandes ases mundiais do volante

Quando o leitor estiver a ler esta notícia já deve estar a rodar pelas estradas do Algarve mais um Rally promovido pelo Rascal Clube de Silves e que de ano para ano vem ganhando cada vez mais prestígio a nível internacional. E provam-no o facto de este ano estar presente uma equipa sul-africana e ainda a importante circunstância de o Rally Urbibel ser decisivo para o Campeonato da Europa, o que bem atesta o mérito da prova em disputa nestas paragens do sul.

Também é significativo o facto de, nesta prova, estarem presentes os dois primeiros classificados e, por isso mesmo, conhecidos campeões: Zanini e Beguim.

Para além de tudo isto, devemos informar o leitor que, estará presente no Rally Urbibel, o Finlandês Hannu Mikolla, utilizando um carro Audi grupo 4, em regime de experiências, porquanto ainda não foi homologado pela FIA, o que nos mostra bem a qualidade da prova que, nesta altura do ano, se realiza no Algarve.

Pena é que, para aumentar ainda o já rico plantel que a «velha volta ao Algarve» nos oferece, o Pentti Arikala, não possa estar presente, como estava previsto, por força do acidente sofrido no último rally que disputou.

H. Azevedo

■ PARTIDAS E CHEGADAS

Em viagem de recreio, deslocou-se há dias a Londres o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José Gomes Romeira Morgado, gerente de Zona do Banco Fonseca & Burnay.

Pelo facto de ter sido considerado como o vencedor número um, em todo o País, dos produtos Junkers, de que é agente distribuidor em Loulé, deslocou-se ao Brasil, em viagem de 10 dias, o nosso prezado amigo e estimado assinante sr. José Guerreiro de Brito, considerado comerciante da nossa praça, que assim aproveitou uma magnífica oferta daquela fábrica.

De visita a seus familiares e amigos, deslocou-se aos E. U. A.

o nosso prezado amigo e dedicado assinante em Almansil sr. Manuel Marcelino Inês, que se fez acompanhar de sua esposa sr.ª D. Filomena Pinto Nunes Inês.

■ FALECIMENTOS

Faleceu em Lisboa, no passado dia 16 de Outubro, o sr. José Tomás, natural de Salir (Loulé) que contava 53 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria de Sousa Cova.

O saudoso extinto era pai do sr. Fernando Cova Tomás, casado com a sr.ª D. Inácia Francisca Jordão Tomás e do sr. Joaquim Manuel Sousa Tomás.

No passado dia 15 de Outubro, faleceu em Lisboa, no Hospital dos Capuchos, a nossa conterrânea sr.ª D. Fernanda Sousa Rico Santana, que conta-

va 70 anos de idade.

Deixou viúvo o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Virgílio de Oliveira Santana, que há longos anos se estabelecera em Loulé com a Garagem Lisbonense e portanto pioneiro do ramo automóvel na nossa terra.

A saudosa extinta era mãe das nossas conterrâneas sr.ª Dr.ª D. Zélia Santana Machado de Andrade, casada com o sr. Eng.º Reinaldo Homero Machado d'Andrade e D. Almerinda Rico Santana e do nosso estimado amigo sr. Hamilton Virgínio Rico Santana e avó dos meninos Rui Pedro Santana Machado d'Andrade e Luís Filipe Machado d'Andrade, ambos estudantes.

As famílias enlutadas endereçamos as nossas condolências.

O Algarve prestou homenagem a Eugénia Lima

(continuação da pág. 3)

porque tem sabido identificar-se com a alma algarvia, com a música algarvia, com as gentes do Algarve e a tal ponto que confessou publicamente que, «se tivesse nascido algarvia, não podia ser mais algarvia do que aquilo que sente, pelo algarve», porque são afinal 34 anos de contactos quase permanentes com o ambiente que considera tão seu como a sua própria Beira.

Beirôa por nascimento, mas algarvia por dedicação e pelo carinho com que sempre foi aqui recebida e tratada, Eugénia Lima é a personificação do algarvio típico que se dedicou apaixonadamente ao acordeão e a ele consagrou o melhor da sua vida e do seu entusiasmo, lutando por transmitir a sua mensagem de Paz e Boa Harmonia que a Música simboliza.

Loulé foi a terra onde profissionalmente se estreou e 50 anos depois, Loulé foi a terra onde Eugénia Lima se despediu do seu público, após tantos anos em que se habituara a tratar com excepcional mestria aquele instrumento musical de palhetas simples, metálicas, livres a que se associa em fole, para produzir sons harmoniosos e de arte que lhe é peculiar. Eugénia Lima não tocou apenas com a arte que lhe é peculiar. Eugénia Lima falou também para o seu público e não conseguiu esconder a emoção que ia na alma por poder ter vivido aqueles momentos inesquecíveis de tão simpática homenagem. Lágrimas furtivas lhe rolaram pelo rosto, tal a comoção provocada pelo calor humano que sentia à sua volta, tal o entusiasmo dos aplausos e as palavras amigas que lhe chegaram aos ouvidos. «Valeu a pena tocar acordeão durante 50 anos para viver estes momentos tão gratos ao meu coração», disse Eugénia Lima e destas suas palavras podemos interpretar todo o seu reconhecimento pelo significado daquela homenagem que lhe foi tão querida e que nós consideramos tão merecida.

Aquela foi, com certeza, a noite mais feliz da longa vida artística de Eugénia Lima e por isso sentiu que não podia deixar de expressar publicamente os seus agradecimentos ao sr. Ilídio Floro por ter tido uma iniciativa tão simpática. Por isso solicitou a sua presença no palco e pediu ao público uma salva de palmas, no que foi prontamente correspondida. E Ilídio Floro mereceu esses aplausos, não apenas pelo mérito desta iniciativa mas também pelo muito que tem feito por Loulé sempre que é preciso

organizar uma festa, que é preciso fazer alguma coisa que prestigie Loulé, que contribua para a sua valorização artística ou material. Na verdade ele tem sido o grande animador das festas do Carnaval dos últimos anos e das Festas de Verão, trabalhando com o entusiasmo e o dinamismo que lhe são peculiares.

Com palavra fácil e bonita voz, Eugénia Lima referiu-se ao facto de ter iniciado a sua aprendizagem de acordeão antes de completar os 4 anos de idade, o que nos diz bem da extraordinária vocação que tão cedo sentiu para a música. Fez depois um breve resumo do que foi a sua vida artística e da felicidade que sentiu em poder tornar mais felizes os portugueses que visitou na América do Norte, Central e do Sul e também na África, na Austrália e em vários países europeus, onde trabalham portugueses e que se sentiram emocionados e felizes quando participavam em festas em que Eugénia Lima tocava, para lhes transmitir, ao vivo, música da sua terra e a mensagem amiga que a sua presença inspirava. De resto até é fácil imaginar a transbordante alegria sentida por um louletano por poder bailar o corridinho na América do Norte ao som do acordeão de Eugénia Lima!

E podemos citar «um louletano» porque foi a própria Eugénia Lima que frizou o facto de maior parte das recordações que guarda em sua casa serem objectos oferecidos por algarvios, o que é natural, pois o acordeão está para os algarvios como a música está para os profissionais do som.

E por falarmos em recordações, não podemos deixar de fazer uma referência muito especial às ofertas de que foi alvo Eugénia Lima por parte de alguns colegas ali presentes e que não quiseram deixar de aproveitar a oportunidade daquela magnífica festa para exteriorizarem a sua admiração por quem, ao longo de 50 anos, tanto contribuiu para o prestígio dum instrumento musical que a todos irmanava naquele momento de euforia e também para o prestígio da própria música, arte a que tão devotadamente se dedicaram a maior parte dos acordeonistas ali presentes.

Como era de inteira justiça, o sr. Presidente da Câmara de Loulé proferiu algumas palavras de enaltecimento à exímia artista que naquela tarde tão merecidamente se homenageava e para a qual a Câmara dera valioso contributo e apoio in-

condicional à feliz iniciativa. Assinalando o acontecimento, o sr. Eng.º Júlio Mealha entregou depois a Eugénia Lima uma rica bandeja em cobre com a seguinte inscrição: «Homenagem à Eugénia Lima da Câmara Municipal de Loulé, 11-10-80».

A Comissão Regional de Turismo do Algarve, que também deu o seu apoio a esta justa homenagem à grande artista, fez-se representar pelo sr. Valter Contreiras, que entregou a Eugénia Lima uma valiosa recordação assinalando aquele memorável dia.

Depois foi a homenageada a dizer que motivos imperiosos a forçavam a abandonar definitivamente a profissão, mas que não deixaria de colaborar em festas de caridade onde a sua presença pudesse ainda ser útil. Seguiram-se algumas exibições de Eugénia Lima, só e com acompanhamento, tendo redobrado o entusiasmo do público quando se tocou «Algarve em Festa», um corridinho que faz pular e vibrar o mais sizado algarvio. Mas foi como que um dilúvio de alegria, entusiasmo, vibrantes palmas e coro uníssono, quando em Fim de Festa se tocou «A Tia Anica de Loulé», cantado por toda a assistência, de pé, e a bater o pé, contagiada pela voz firme, vibrante e alegremente contagiante desse magnífico profissional da R. D. Sul que é Carlos Cardoso e a quem se ficou devendo parte do ambiente de autêntica euforia que se viveu no Cine Teatro Louletano na inesquecível tarde de 11 de Outubro de 1980 e que, estamos certos, perdurará por largos anos na memória de quantos tiveram a felicidade de estar presentes para sentir o carinho e amizade de que foi rodeada uma mulher que tem dedicado toda a sua vida à música popular, animando festas, transmitindo alegria a reuniões e empolgando os seus ouvintes com os acordes maviosos do instrumento mágico que domina com tanta perícia.

Aqueles jovens acordeonistas, que ora se iniciam na difícil arte musical deviam ter-se sentido maravilhados pela facilidade com que Eugénia Lima fazia vibrar o seu acordeão e por isso lhe distribuíram beijos, lhe ofereceram flores e abraços, em gestos que a todos comoveu.

Mas a festa não terminaria ali: logo a seguir estava preparado um jantar num restaurante de Quarteira e que se prolongou até de madrugada e deu ensejo a que vários colegas da homenageada dessem largas ao seu entusiasmo pela música, dedicando-lhe alguns números dos seus reportórios e animando

uma festa que a todos estava tão grata.

Não queremos terminar sem endereçarmos as nossas saudações à grande artista que é Eugénia Lima e desejarmos-lhe muitos mais anos de vida para que possa ir tocando o seu acordeão sempre que se proporcione fazê-lo, embora sem a obrigação a que estava sujeita como profissional. E parabéns também pelo brilhantismo da festa que lhe dedicaram com tanto carinho e tanto respeito por quem tem sabido impôr-se à consideração de um público que soube sendo tão grata.

Os nossos parabéns são igualmente extensivos ao sr. Ilídio Floro pelo mérito da iniciativa e a todos quantos colaboraram para que fosse possível organizar uma festa desta natureza e que contou com a presença amiga de 50 acordeonistas, o que aconteceu pela primeira vez e, com certeza, não volta a repetir-se.

Propositadamente deixámos para o final desta crónica que, apesar de extensa, não pode deixar de se referir à dupla finalidade de tão brilhante festa: homenagear uma grande artista e contribuir para a concretização de uma grande obra que está em vias de ser inaugurada em Loulé: o Lar da Terceira Idade.

É uma grande verdade que ninguém quer ser velho, mas todos nós desejamos chegar a sê-lo e por isso temos que pensar na situação daqueles que já tiveram a nossa idade e estão experimentando a última etapa da vida. É preciso que pensemos naqueles que trabalharam uma vida inteira e hoje precisam de tecto acolhedor, de uma companhia agradável, de uma palavra amiga, de uma refeição cuidada. Por isso é preciso que o Lar da Terceira Idade de Loulé seja uma realidade para muito breve.

O mais difícil seria a casa, mas está já a sofrer importantes obras de adaptação e por isso espera-se que entre em funcionamento dentro de pouco tempo.

A ajuda desta festa foi valiosa: a receita da bilheteira foi de 63 560\$00 e esta importância, em cheque, seria entregue no palco do CTL pela homenageada ao sr. Aníbal Marum Pereira, na qualidade de tesoureiro da Santa Casa da Misericórdia, mas Eugénia Lima entendeu que deveria ser entregue pelo sr. Ilídio Floro, visto que foi ele o principal promotor da Festa.

O acto foi coroado com vibrantes salvas de palmas.

LOULÉ



JOÃO DE FREITAS FILHÓ

AGRADECIMENTO

Sua família desejando evitar qualquer falta involuntária, a quantos quiserem acompanhar o saudoso extinto à sua última morada, vem expressar o seu mais penhorado agradecimento, tornando pública a Missa por sua alma, que se realizará no dia 11 de Novembro, pelas 10,30 horas na Igreja da Matriz, em Loulé.

Empregada Doméstica

PRECISA-SE

Com prática de cozinha, para trabalhar em Lisboa, em casa de 3 pessoas.

Tratar pelo Telef. 62833 — LOULÉ (depois das 21 horas).

(3-1)

CASAL

Oferece-se, para tomar conta de quinta no Algarve. Experiência em árvores de fruta, com carta de ligeiros e pesados/amador.

Comunicar pelo telefone 73605 — Olhão, ou Rua Dr. João José da Silva, n.º 2, Bairro da Cavalinha — 8700 Olhão, com David Dias e Sá.

(2-1)

Dão-se Explicações

De INGLÊS e FRANCÊS a CRIANÇAS a partir dos 6 ANOS

E a ADULTOS a nível Hoteliro, Estudantil e Social
Informações: Restaurante Paralelo, 38 — Telef. 63104, 62698 — LOULÉ

Novos horizontes para Quarteira?

Respeitando as linhas mestras do plano geral de urbanização de Quarteira, anteriormente aceite pela edilidade louletana, acaba de ser apresentada às entidades oficiais, técnicos, empresários interessados, população e comunicação social, uma **Proposta do Plano de Pormenor da Urbanização de Quarteira** da responsabilidade do Gabinete Técnico de Arquitectura Macroplan, depois de concretizada a definitiva localização do porto de pesca da localidade e de ouvidas as Direcções Gerais de Portos e de Turismo.

A sessão decorreu há dias numa unidade hoteleira de Quarteira e as explicações foram dadas pelos autores do estudo prévio do Plano de Pormenor, Prof. Arq. Pereira Brandão, Arq. Carlos Santos e Arq. Marçalo Correia, que realçaram a preocupação de libertar a faixa litoral do tráfego rodoviário que, no plano, será transferido para a via rápida de penetração, com cerca de 25 metros de largura, compreendendo duas faixas de tráfego, uma faixa central e

duas laterais para peões.

Houve a preocupação de criar uma avenida marginal que ligue Vilamoura a Vale do Lobo e Quinta do Lago, através de Quarteira que, sem deixar de ser uma estância balnear por excelência, não deverá perder a sua vocação urbana de apoio àqueles três outros polos de explosão turística.

Tal estudo de pormenor urbanístico que, por ora, ainda não vincula qualquer entidade, pretende apontar para uma imediata disciplina da construção; criação de espaços públicos e ordenamento da zona de «clandestinos», com vista à dignificação do espaço urbano de Quarteira onde, até agora, os empreendedores têm provocado certa dispersão urbanística nem sempre louvável.

No final, os autores do estudo prévio em apreço trocaram impressões e forneceram os mais variados pormenores sobre o futuro desenvolvimento de Quarteira, segundo a sua óptica, a muitos técnicos e empreendedores presentes.

SERVIÇO DE AVISOS

NESPEREIRAS

1 — Pedrado ou Nódos da Nespereira.

É nesta altura do ano, que se registam os primeiros ataques de Pedrado nas Nespereiras.

As chuvas caídas nos últimos dias e as humidades relativas registadas nos nossos postos meteorológicos, são factores que podem comprometer o estado fitossanitário dos novos frutos.

No momento presente, a floração das Nespereiras apresenta-se com grande irregularidade no seu estado de evolução. Enquanto umas árvores estão no início da floração, outras apresentam-se no vingamento dos frutos. Em todos os casos recomenda-se proceder a um tratamento contra o Pedrado, com excepção dos exemplares que estejam em plena floração.

Como norma geral são recomendados os seguintes tratamentos:

1.º — Antes da floração (ao intumescimento dos gomos) como já foi recomendado por este Serviço, segundo indicação apresentada no Boletim Fitossanitário anterior;

2.º — Após a floração, quando os novos frutos ficam descobertos logo após a queda das pétalas.

Os fungicidas recomendados

Lugares a concurso na CRTA

A Comissão Regional de Turismo do Algarve recebe candidaturas para o preenchimento de lugares vagos de dois colaboradores para os Serviços de Animação e Relações Públicas.

Os candidatos deverão possuir até 40 anos de idade, ter como habilitações literárias mínimas o 5.º ano dos Liceus e experiência comprovada na área destes serviços, conhecimentos de duas línguas devendo uma ser falada correntemente, carta de condução e disponibilidade para trabalhar em domingos e feriados com isenção de horário de trabalho.

O vencimento mensal é de 15 000\$00, além das regalias sociais usuais, subsídio de férias e 13.º mês.

Os interessados deverão apresentar os seus pedidos por escrito, dirigidos à Comissão Administrativa da Comissão Regional de Turismo do Algarve — Rua Ataíde de Oliveira, n.º 100 — 8000 Faro, até 31 de Outubro.

nestes tratamentos são os que se indicam no Boletim Fitossanitário n.º 13.

CITRINOS

1 — Míldio ou Aguado dos Citrinos.

Informam-se os senhores citricultores, que devem efectuar um tratamento para combater esta doença, pois as temperaturas e humidades verificadas são propícias ao aparecimento de focos de míldio.

Devem os senhores agricultores utilizar um dos fungicidas abaixo indicados, tendo o cuidado de proteger bem a parte média e inferior da copa, principalmente os ramos e frutos mais próximos do terreno.

Manebe + Oxicleto de cobre + Zinebe — 32 + 120 + 30 grs. de s. a./100 litros de água.

Oxicleto de cobre — p. m. — 150-300 grs. de s. a./100 litros de água.

Oxicleto de cobre — sol. ol. 75 c. c. de s. a./100 litros de água.

Oxicleto de cobre + Zinebe — (105—150) + (45-64) grs. de s. a./100 litros de água.

HOMENAGEM

A UM FUNCIONÁRIO DA J. A. E.

Os bons serviços prestados pelo sr. João Serafim ao longo da sua vida profissional como Encarregado Geral do Parque de Máquinas, da Junta Autónoma das Estradas, justificou plenamente que, no passado dia 18 do corrente, os funcionários da Direcção de Estradas de Faro, aproveitassem a circunstância da sua aposentação para lhe prestarem uma merecida homenagem, num almoço que se realizou no restaurante «Duas Sentinelas» e com a participação de meia centena de colegas.

Na oportunidade, usaram da palavra o Chefe da Secção Administrativa, Surendra Xencora Nadkarni, o Engenheiro Civil Principal Octávio Vieira Machado e a Engenheira Civil Maria Assunção Rainha que também falou em representação do Engenheiro Director de Estradas do Distrito de Faro, António Joaquim Simões Vasco ausente do Algarve por motivo de serviço.

Foi entregue ao homenageado uma lembrança.

UMA EXPLICAÇÃO DOS CTT

REDES INTERURBANAS

QUE TELEFONES! QUE NADAS!

Sob este título, e subscrito pela nossa colaboradora Jacinta Cardoso, publicou «A Voz de Loulé», no dia 4 de Setembro, um artigo em que se apontavam as deficiências das ligações telefónicas da rede do Barranco do Velho.

Em carta assinada pelo Ges-

V JOGOS FLORAIS DO ALGARVE

Distribuição de prémios

Terminada a recepção de mais de 3 milhares de produções concorrentes aos V Jogos Florais do Algarve, o Júri começou a apreciação dos trabalhos enviados para o Rocal Clube.

Avisam-se os Concorrentes que a distribuição dos Prémios prevista no Art.º 9.º do Regulamento para 7 de Dezembro é antecipada para 30 (trinta) de Novembro. A razão deve-se à coincidência da data de 7 com a das Eleições Presidenciais, mantendo-se em todo o restante o espírito do Regulamento.

Exposição Filatélica e Carimbo Comemorativo do Rallye Urbibel-Algarve

Não há dúvida que uma organização do Rocal Clube tem impactos dos mais diversos nas mais dispares zonas.

Para provar a afirmação uma exposição de selos (temática automóvel, como compete durante um rallye), premiada com medalha de ouro e propriedade de Paulo de Sá Machado estará patente aos entusiastas de filatelia durante os dias da prova na Aldeia das Açoteias.

Além desta manifestação (organizada em conjunto pela secção de coleccionismo do Clube União Portimonense e pela secção de filatelia do Rocal Clube) apor-se-á no dia 29 de Outubro um carimbo especial comemorativo, no posto de correios exclusivamente a funcionar nas Açoteias.

Os interessados podem desde já pedir a aposição do carimbo para o Rocal Clube (Secção de Filatelia).

8300 Silves (Algarve).

BRIDGE

TORNEIO

«OUTONO EM VILAMOURA»

Constituiu assinalado êxito o torneio «Outono em Vilamoura», organizado pelo Clube Dom Pedro e que contou com a participação de quase meia centena de bridgistas de várias nacionalidades.

O certame decorreu durante três dias na nova sala de conferências do Dom Pedro Hotel, em Vilamoura e foram vencedores Luís de Sousa e seu filho Jaime de Sousa que vieram da Madeira e confirmaram a sua já reconhecida categoria.

Em segundo lugar classificaram-se Manuel Fontes e Olívio Guerreiro, sendo a terceira posição ocupada pelo casal Debonaire.

Este «Torneio de Bridge Outono em Vilamoura» que se integra no conjunto do calendário de actividades programado para aquela zona turística teve a entrega dos prémios no decurso de uma animada festa.

tor da Área de Telecomunicações de Faro e que acabamos de receber, os CTT reconhecem as deficiências apontadas e dão-nos explicações acerca da forma como o problema está sendo resolvido. Eis o conteúdo do ofício em causa:

«Reportando-me ao assunto versado no artigo referenciado na epígrafe, em que são realçadas as dificuldades para obtenção de uma comunicação telefónica a partir de um posto telefónico da Rede do Barranco do Velho, temos a satisfação de poder informar V. Ex.º de que está previsto nos nossos Planos de trabalhos do próximo ano a automatização desta rede telefónica. Igualmente no ano de 1981 vão-se desenrolar trabalhos com vista à automatização das redes de Ameixial e Cachopo. São estas as 3 redes que faltam automatizar de um total de 51 que constituem esta Área de Telecomunicações. Atingiremos assim a automatização completa dos assinantes nesta Área e com ela a eliminação dos inconvenientes apontados no artigo já referido.

As automatizações destas redes sofreram alguns atrasos de posição dentro do conjunto de trabalhos que temos vindo a executar para a melhoria e rapidez do serviço telefónico oferecido aos utilizadores desta Área. Foram devidos a vários factores, entre eles os de electrificação rural da Serra Algar-

via e à necessidade de atender prioritariamente a outras solicitações consideradas de resultados mais vantajosos e beneficiarem um maior número de utilizadores e que mobilizaram totalmente os recursos desta Área de Telecomunicações.

Com os melhores cumprimentos.

O Gestor da Área de Telecomunicações,
Florentino M. Oliveira»

N. R. — A automatização das redes do Barranco Velho, Ameixial e Cachopo, constituem um passo fundamental para a eliminação de todos os inconvenientes resultantes das deficiências telefónicas dessas regiões.

Com a melhoria e rapidez do serviço telefónico os utilizadores dessas áreas podem resolver muitos dos seus problemas e obter resultados mais vantajosos no campo das telecomunicações.

«A Voz de Loulé» que suscitou o problema, através de um artigo da nossa estimada colaboradora Jacinta Cardoso, congratula-se com o facto da Direcção Geral das Telecomunicações dar satisfação a este assunto, informando os nossos leitores de que a automatização das respectivas áreas está prevista no Plano de Trabalhos do próximo ano.

A Serra Algarvia precisa de um plano de desenvolvimento, de modo a garantir a melhoria das condições de vida desta gente esquecida, a electrificação rural, os problemas do saneamento básico e do abastecimento de água, a preocupação em facilitar o acesso aos locais mais interiores, e naturalmente a obtenção mais fácil das chamadas telefónicas.

A assistência social é outro factor importante que não deve ser alheio aos principais responsáveis.

A automatização das redes vem facilitar, contudo, aqueles que precisam de chamar um médico com maior urgência.

Com efeito, as dificuldades para a obtenção de uma chamada telefónica prejudicam o utilizador que, muitas vezes, espera horas e horas para poder falar, acabando quase sempre por desistir...

Oxalá o problema seja de veras resolvido durante o próximo ano.



LOULÉ



MANUEL GUERREIRO MÁXIMO

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Sua esposa Odete da Piedade Sousa e seu filho José Manuel da Piedade Máximo e restante família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas, imensamente consternados cumprem o grato dever de exteriorizar a sua mais profunda gratidão a todas as pessoas amigas que, se dignaram acompanhar o seu saudoso extinto à sua última morada ou que se qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar.

Participam também que a Missa do 30.º Dia pelo seu eterno descanso será celebrada no dia 5 de Novembro de 1980 pelas 9 horas na igreja de S. Francisco, em Loulé.

AMENDOEIRA — LOULÉ



JOAQUINA AFONSO VIEGAS

AGRADECIMENTO

Seu marido, filhos e genro, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam na sua dor, vêm tornar público o seu agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Para todos, o penhor da nossa gratidão.

Agência Cavaco — Loulé

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-117, de fls 137 a 139, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 21 do mês corrente, na qual Manuel Mendes Guerreiro e mulher, Rosa Cristina Pinguinha Mendes, residentes no sítio de Santa Catarina dos Quartos, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, dos seguintes prédios, ambos no sítio da Alfaroibeira, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, e constituídos por terra de semear, com árvores:

Número um — Rústico, confrontando actualmente, do nascente com Manuel Lúcio e caminho, do norte e poente com Marcelino Pinto Guerreiro e do sul com António Lúcio (herdeiros de), inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número mil novecentos e oitenta e nove, com o valor matricial de dois mil e vinte escudos e a que atribuem o de vinte mil escudos; — sendo este prédio atravessado por um ribeiro;

Número dois — Rústico, confrontando actualmente, do nascente e norte com Maria Murta Oliveira, e outro, do poente com Beatriz Guerreiro e do sul com Marcelino Pinto Guerreiro, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número mil novecentos e noventa e sete, com o valor matricial de mil e quinhentos escudos e o declarado de dez mil escudos;

Que os mencionados prédios se encontram omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e que ele justificante varão, é titular das referidas inscrições matriciais.

Que estes prédios lhes pertencem pelo facto dos mesmos haverem sido comprados, entre outros, pelo varão, a Joaquim Martins e

mulher, Ana Cristina, casados segundo o regime da comunhão geral de bens e que foram residentes no sítio de Santa Catarina dos Quartos, pelo preço, respectivamente, de dois mil escudos e de mil e quinhentos escudos, totalizando assim três mil e quinhentos escudos, por escritura lavrada em catorze de Maio de mil novecentos e sessenta e oito, a folhas cinquenta, do livro número A-vinte quatro, de notas para escrituras diversas, do Segundo Cartório desta Secretaria; — tendo a aludida venda sido feita com reserva do direito de usufruto vitalício para os vendedores e até à morte do último, o qual já se encontra extinto pela morte de ambos;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo; — a verdade, porém, é que os transmitentes, os aludidos Joaquim Martins e mulher, eram, por sua vez donos e legítimos possuidores também com exclusão de outrém, dos prédios supra descritos e então vendidos, porquanto,

Os mesmos lhes haviam sido adjudicados e ficado a pertencer na partilha dos bens da herança aberta por óbito de José Martins, casado segundo o regime da comunhão geral de bens com Gertrudes de Jesus, e que residiu no sítio da Goncinha, freguesia dita de São Cle-

mente, pai e sogro dos transmitentes, — os aludidos Joaquim Martins e mulher, — efectuada entre todos os seus herdeiros e interessados em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e trinta, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo,

Que desde a referida data sempre os transmitentes — os aludidos Joaquim Martins e mulher — passaram a possuir os mencionados prédios em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo assim a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data em que pela citada escritura de catorze de Maio de mil novecentos e sessenta e oito, os transmitiram a eles justificantes, também já os haviam adquirido por usucapião.

Que em face do exposto não têm eles justificantes possibilidade de comprovar o direito de propriedade perfeita dos transmitentes — os aludidos Joaquim Martins e mulher — sobre os prédios supra descritos e então vendidos, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 23 de Outubro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

CORTES & MENDONÇA, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 127, v.º, a 129, v.º, do livro n.º B-117, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, o sócio da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, que gira sob a firma de «Cortes & Mendonça, Lda.», Jo-

sé Cabrita Cortes, dividiu a quota que possuía nesta sociedade, em duas novas quotas do valor nominal de 50 000\$00 cada, cedendo uma a Maria Ângela de Sousa Morgado Mendonça e a outra ao consócio José Francisco Rico Mendonça, pelo que saiu da sociedade, renunciou à gerência e autorizou que o seu apelido continui a fazer parte da firma social.

Pela mesma escritura foi nomeada gerente a cessionária, unificadas as quotas do sócio José Francisco Rico Mendonça, a ora adquirida com a que já possuía, e, em consequência, alterado o art.º 4.º do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

Art.º 4.º — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escrita é de 150 000\$00, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:

Uma de 100 000\$00, pertencente ao sócio José Francisco Rico Mendonça; e

Outra de 50 000\$00, do sócio Maria Ângela de Sousa Morgado Mendonça. Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Outubro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Martinho & Corte Real, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 130 a 131, v. do livro n.º B-117, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Maria José Gonçalves Martinho, e Vera Maria Silva Costa Côte-Real, ambas licenciadas em medicina, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos seguintes artigos:

Primeiro — 1. A sociedade adopta a firma «Martinho & Corte-Real, Limitada», tem a sua sede na Rua do Condastabre, número um-A, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir da presente data.

2. — A sociedade poderá transferir ou deslocar a sua sede para qualquer outro local e bem assim, criar ou suprimir filiais, sucursais, ou agências, mediante simples deliberação da Assembleia Geral.

Segundo — A sociedade tem por objecto o exercício da medicina em qualquer das especialidades médicas, bem como qualquer outra actividade para-médica não proibida por lei.

Terceiro — 1. O capital social, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de cento e vinte mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas de sessenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada sócio.

2. Poderão haver prestações suplementares de capital e suprimentos, nos moldes a fixar em Assembleia Geral.

Quarto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios, em segundo.

Quinto — 1. A gerência, dispensada de caução, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence a ambas as sócias.

VENDE-SE

Carrinha PEUGEOT 204, em bom estado.

Isenta de imposto de gásóleo.

Informa pelo telef. 94450 — **ALMANSIL.**

(2-1)

Cabeleireira ou ajudante

Com prática precisa-se para Salão Via-Paris, Rua Projectada à Rua Vasco da Gama — **QUARTEIRA.**

(3-1)

2. Para obrigar validamente a sociedade em todos e quaisquer actos e contratos e para a representar activa e passivamente, em juízo e fora dele é suficiente a assinatura de qualquer uma das sócias gerentes.

Sexto — Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará o seu giro comercial, com os herdeiros ou representantes legais do falecido ou interdição, devendo aqueles nomear de entre si um representante na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Sétimo — Quando a lei não exigir outra formalidade, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com pelo menos dez dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Outubro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(publicação única)

No dia 7 de Janeiro de 1981, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória que correm termos pela 1.ª secção, com o n.º 58/80, vinda da comarca do Barreiro e extraída dos autos de execução sumária com o n.º 148/78 da 1.ª secção do 2.º Juízo, em que é exequente Farilex, Lda., Sociedade Comercial e Industrial de Tintas, Lda., com sede na rua Vasco da Gama, 47-B, no Barreiro e executado Francisco Jacinto Neves de Oliveira, residente na rua 5 de Outubro, 70, em Loulé, não-de ser postos em praça para se arrematarem pela 2.ª vez e aos maiores lanços oferecidos acima de metade dos valores indicados no processo, diversos móveis, constituídos por várias bombas de água para veículos automóveis, caixas de velas, de cabos de velas, placas de distribuição, pastilhas de travão, calços de travão para os mesmos veículos, vários relógios de cozinha, motores de rega eléctricos, uma fotocopiadora e outros acessórios vários para automóveis, tudo penhorado ao aludido executado e de que é depositário MANUEL INÁCIO RODRIGUES GUIOMAR, casado, comerciante, residente na rua Afonso de Albuquerque, n.º 74, em Loulé, em poder de quem se encontram. Loulé, 13 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres
Veiga
O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

Vai a Lisboa?

VISITE E HOSPEDE-SE NO HOTEL LIS 2★

O mais central de Lisboa — Óptimas instalações

Agora todos os quartos com banho ou chuveiro

O melhor preço — O melhor local

Fica mesmo junto ao cinema Tivoli
Ambiente familiar

Situado na Av. da Liberdade, n.º 180
LISBOA — Telefones 563434/5/6/7/8

O JOGO DE MENTIRAS DE CERTOS PARTIDOS

(continuação da pág. 1) dando de cór da forma mais camaleónica que se pode imaginar (os pobres bichos não têm culpa da forma como ultrapasados pelos furta-cores cá da terra) e afivelando máscaras de hipocrisia no jeito de «ó patego, olha o balão» sob uma impunidade cada vez mais descarada.

Das mentiras e vigarices do PC, tudo se pode esperar: desde um Álvaro Cunhal a declarar um ordenado de seis contos, que dá lindamente para viver (só em transportes, de terra em terra e de um país para o outro, deve ter uma conta calada de centenas de contos por mês, não falando nos fatos, que parecem **chez Dior**, a cobrir-lhe a carcaça mumificada de vampiro, nas camisas, nas gravatas, nos guarda-costas, enfim, em tudo quanto o diabo carrega para protegê-lo, aformosá-lo e encobri-lo) até aos milhões de contos roubados por conta da Reforma Agrária e de cujas contas não se vê a banca nacionalizada, nossa, a pedir quaisquer liquidações — tudo é possível e já não causa espanto a ninguém.

Algo muito diferente se poderia e deveria esperar de Mário Soares e do seu PS. Primeiro, porque Mário Soares, como menino rico, que sempre dispôs de um papá capaz de satisfazer e suportar e pagar todos os seus caprichos e desventuras, travou um combate de trinta anos contra um regime que oprimia o povo português, que ninguém poderia imaginar que tivesse sido ou pudesse ter sido uma pura fita, uma mera encenação teatral destinada a alcançar por essa via a fama e o proveito necessários para se guindar a líder político e, com esse título, alcançar o PODER, ser ministro e primeiro-ministro de um país martirizado já por cinquenta anos de miséria e de despotismo, mas cujos problemas, longe de resolver, só soube agravar.

Segundo, porque o PS tem no seu programa expressas intenções de fraternidade e humanismo — e com estas palavras não se brinca, não se vilipendia, não se mente.

Infelizmente, o PS e o senhor Mário Soares não têm feito outra coisa, senão brincar, senão vilipendiar, senão mentir ao povo português. E não o digo por ter acreditado ingenuamente no PS e no seu líder, por me ter dado de corpo e alma à causa do PS e do seu líder, como milhões de outros portugueses. Digo-o com a tristeza de quem acreditou num belo sonho — que podia ser verdadeiro e deveria ter sido verdadeiro — mas que somente se materializou na forma grotesca e trágica de um país reduzido a ruínas, vendido ao desbarato e condenado à apatia e ao marasmo.

Mas a pouca vergonha de Mário Soares e do seu PS não consideram ainda a sua obra completa. Depois de todo o mal que, enquanto governo, fizeram a Portugal, ainda ambicionam reocupar as cadeiras do Poder, engolindo sapos, se necessário, pactuando com os inimigos de ontem, esquecendo afrontas e vexames, insultando a memória dos que mal podem acreditar no que os seus olhos vêem...

A última e mais inacreditável reviravolta do PS e do seu líder Mário Soares é a negação da sua qualidade de Partido Marxista. No encontro Soares-Freitas do Amaral, que se realizou na televisão, o descaimento do líder socialista atingiu as raízes do impossível: sem outro objectivo senão alcançar o Poder pelo Poder, ousou falar na necessidade que existe em democracia de um político se apresentar com uma vida transparente e translúcida, imiscuindo-se, de braço dado com o PC, nas possíveis dívidas e nas irregularidades da situação matri-

monial de Sá Carneiro, e permitindo-se negar o marxismo como base fundamental do programa do seu partido.

Não fosse Freitas do Amaral um senhor, como de facto é, e ter-lhe-ia esfregado na cara com a colecção do «Portugal Socialista», denominado órgão central do Partido Socialista. Obrigá-lo-ia a abrir os olhos para que visse, entre outros, a primeira página do n.º 25, de 30 de Janeiro de 1975, totalmente ocupada com uma convocatória para uma «GRANDE MANIFESTAÇÃO» do 31 de Janeiro, em que eram dadas as palavras de ordem dessa «jornada de luta»: a sexta dessa palavras de ordem dizia simplesmente: PARTIDO SOCIALISTA — PARTIDO MARXISTA.

Em todos os comícios socialistas da época o Partido Socialista demarcou-se de tal forma de qualquer ideia social-democrata que o seu repúdio era tema obrigatório das intervenções dos seus oradores. No «Portugal Socialista» n.º 18, de 12-12-74 — o 11 de Março e as nacionalizações ainda vinham longe... — o título de cabeça da página 7 dizia, em letras destacadas: «SOMOS ORGULHOSAMENTE MARXISTAS». No texto desse artigo, lia-se expressamente: «Por aqui podem ver que a solução em Portugal não pode ser social-democrata». E o orador citado (João Guterres) acrescentava: «Aliás, eu creio — se me permitem a graça — o que talvez não seja «graça», como se pensa — que nem o próprio P. P. D. tem ilusões (e se tem deveria esclarecer-se melhor sobre a viabilidade da social-democracia no nosso país. A social-democracia, aqui e agora, conduz em linha à repressão e à agitação social».

Com a desfaçatez dos vigaristas profissionais que fazem da arte de enganar o próximo o seu modo de vida, eis agora o P. S. e o seu líder a proclamarem a social-democracia como a sua razão de ser e a enjeitarem o marxismo como bastardo... Filhos da podridão, quem que o novo povo apodreça na confusão que elegeram como seu modo de vida. Seguem a linha do nazi Goebels: «Menti, menti sempre, que uma mentira repetida se torna verdade». Finalmente, de linhas apenas sobre um senhor que jurou respeitar a Constituição de 1933, com «pleno repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas», respeitar a ordem social estabelecida e que, nesse compromisso que assumiu, prestou várias comissões de serviço na guerra colonial, que durou cerca de 14 anos. Durante tão longo período, nunca a sua consciência se alarmou com a luta desigual que, com a intervenção da PIDE, dos seus métodos de tortura, dos seus campos de concentração, das suas emboscadas e da sua espionagem, o exército português travou em terras da Guiné, Angola e Moçambique contra bandos que eram designados, em todos os documentos oficiais, por terroristas.

Quando eclodiu o 25 de Abril, o senhor Ramalho Eanes encontrava-se em Angola, cumprindo o seu juramento para com a Constituição de 1933. Mandaram-no regressar e assumir funções de censor no Palácio Foz, passando a pente fino tudo quanto se publicava sem o exame prévio vigente até ao 25 de Abril. Do trabalho do senhor Eanes nessa altura, comeram multas e suspensões vários jornais: desde o Luta Popular até ao República, desde o Jornal de Economia e Finanças a outros. Outros, como o autor destas linhas foram chamados a dar explicações: no meu caso, por ter publicado um artigo na revista «Plateia», de que era sub-director, com o título de «Abaixo a Censura», como

protesto contra uma tentativa comunista de, «pela calada, se impedir a estreia no São Jorge de «O último Tango em Paris», com Marlon Brando. Já então o senhor Eanes tinha a cara pamplinesca do «não posso rir que fique feio» que Cid já imortalizou e já então «endossava a bola» para «o colega de serviço».

Extinta essa comissão de censura militar, o senhor Eanes não perdeu o emprego e achou até quem o ajudasse a melhorar de situação: Sanches Osório nomeou-o director de programas na Televisão. Nessa situação o encontrou o 28 de Setembro. A páginas 45 do relatório publicado em livro pelo M.F.A. sobre a inventona que marcou o primeiro assalto comunista ao poder, o major Eanes é apontado claramente como um dos conspiradores e acusado de ter comparecido às três horas da manhã, nos estúdios do Lumiar, como representante do «Presidente da República» (o general Spínola) e colocando a Televisão sob tutela militar. Paradoxalmente, o senhor de Alcains não sofreu qualquer castigo pela missão de que se incumbiu, antes ganhou nova distinção: de director de programas passou a presidente do Conselho de Administração. No seu trabalho, falam os documentos reproduzidos pelo jornal «O Diabo» na sua edição de 14 de Outubro.

Eleito por três partidos para Presidente da República, Ramalho Eanes disse na sua primeira campanha eleitoral (Revista do Povo), página 3, número especial: «Depois de cinco anos de mandato, se for eleito e se conseguir levar o meu mandato a bom termo, não sei o que farei, mas certamente não voltarei a candidatar-me, não farei vida política e tentarei, se for viável, voltar à Faculdade e fazer aquilo que nunca pude fazer: estudar com calma e sem grandes preocupações».

Quem não tem palavra — todo o mundo é seu?

VITORIANO ROSA

Complexo Turístico da Quinta do Lago

(continuação da pág. 1)

de luxo e, considerando o número de lotes vendidos, todos com uma área média de 2500 metros quadrados, é de admitir que dentro de dois anos haja, pelo menos, cerca de 100 villas construídas.

A sociedade esteve intervençãoada de 1975 a 1979, tendo sido recentemente devolvida aos seus legítimos proprietários. Do capital da empresa, 88 por cento é de origem portuguesa.

Dentro dos planos, a curto prazo, da actual administração e no caso de ser aceite o contrato de viabilização que está a ser negociado, está prevista a construção de um hotel de luxo,

com cerca de 200 camas, dum aldeamento com uma população de cerca de 500 camas, distribuídas por 180 moradias, a construção de um novo clube de golfe que deverá incluir dois restaurantes, e «shping-center» e ainda o loteamento de cerca de 2 milhões de metros quadrados.

A Quinta do Lago dispõe de um centro hípico, que data desde o início da actividade da Planal.

A Planal tem presentemente ao seu serviço 140 empregados, mas se o contrato de viabilização for aceite e se forem levados a cabo os projectos previstos é provável que o número de empregados permanentes se eleve para cerca de 600.

Grupo Desportivo de Vilamoura

PRECISA

Empregado/a em par-time (3 vezes por semana) para se ocupar do expediente geral do Clube em Vilamoura.

Prática de dactilografia e deslocação por conta do próprio.

Resposta manuscrita ao Grupo Desportivo de Vilamoura — 8100 VILAMOURA.

EM 10 SEMANAS aprenda inglês gratuitamente

Se pretende aprender inglês tem agora oportunidade: Ensinamos gratuitamente a CASAIS ou HOMENS que estejam interessados

Para tal, dirija-se a: Av. Marçal Pacheco, 36-2.º em LOULÉ (entre as 13 e 14 horas)

PRONTO A VESTIR

Tentação ②

— MUNDO JOVEM —

A TENTACÃO DO BEM VESTIR

AGORA COM NOVA GERÊNCIA

E muito brevemente a abrir

1 SECÇÃO DE DESPORTO (COM UMA VASTA GAMA EM ROUPA DESPORTIVA E EQUIPAMENTOS)

2 SECÇÃO DE LÃS, COM A MAIS VARIADA QUALIDADE DAS MELHORES LÃS NACIONAIS

Visite-nos e verá nos nossos artigos uma verdadeira tentação e o preço?... uma agradável surpresa!

Os oportunistas

Crónica de LUÍS PEREIRA



«Há quem viva sem se importar com nada. Há quem ande à mercê do vento: vai para a direita se o vento sopra da esquerda; vai para a esquerda se o vento sopra da direita. São oportunistas, procuram agradar a todos, distribuem sorrisos hipócritas aos poderosos».

O homem vale pelo humano, pelo sentimento, pelo coração. O homem reafirma-se pela força da alma. Impõe-se pela inteligência, pelo saber, pela dignidade.

Não faltam por aí, homens maus e injustos que só pensam em si, nos seus ódios e nas suas violências. São míopes e ridículos porque os seus triunfos nascem da água estagnada, cheia de podridão.

Como homem não tenho medo de apontá-los a dedo e não temo as suas intimidações.

Espiritualmente são noites sombrias. Na prática as suas obras são sujas e impuras. Muitos há que se apresentam hoje como santos e heróis que se encolheram nas épocas difíceis, que não se importaram com a alma e que hoje se ostentam com hipocrisia. Ninguém lhes conhece a ideologia porque são egoístas e medrosos em determinadas circunstâncias. Alguns merecem perdão porque são ignorantes, mas os outros, os

que se acham lúcidos e importantes?

Os oportunistas não têm fome ou sede de fazer bem. São comodistas e amam a vida fácil. Só assumem responsabilidades quanto lhes garantem um bom celeiro, porque são incapazes de arriscar a Vida pelo bem da comunidade a que pertencem. No entanto enchem a boca de promessas e juram cumprir com fidelidade tudo o que prometem. São demagogos, ervas daninhas que muitas vezes nascem para prejudicar o bom trigo.

Os oportunistas lambem carinhosamente o bom celeiro que os homens de boa-fé alcançam com o seu esforço.

Em todos os partidos existe essa cambada que anda à mercê do vento. Gente que não é gente.

Frente-a-Frente entre candidatos às Presidenciais?

1 — Quase todos os jornais do dia 8 deste mês, alguns com especial relevo como, por exemplo «O Dia», se referiram ao desafio do General Soares Carneiro ao General Ramalho Eanes, para um «debate diante de todos os Portugueses».

2 — Depois de 14 de Abril passado o General Galvão de Melo ter dito desejar um debate na TV, entre os presidenciais, o que seria honesto e esclarecedor para o País, o General Soares Carneiro declarou publicamente não pretender confrontar-se com os outros candidatos presidenciais. Consideramos esta declaração a resposta à proposta de um debate feita pelo General Galvão de Melo que, apesar disso, não deixou de continuar a nele insistir.

3 — O desafio que Soares Carneiro agora fez a Ramalho Eanes leva-nos a supor que aquele mudou de ideias quanto ao confronto com os outros presidenciais, pelo que o General Galvão de Melo, novamente, vem reafirmar a sua disposição e desejo de um debate televisivo em directo.

4 — Afirma-se o candidato Soares Carneiro um democrata. Se o é, como diz, não tem o direito de impedir aos Portugueses a possibilidade de, face a

Sessão Cultural na Câmara de Loulé sobre a obra de Frei João São José

Beirão de nascimento, algarvio por afinidade, por no Algarve se ter fixado e passado muitos anos do melhor da sua vida, isso levou Frei João de São José e, para além da sua vida religiosa, escrever a Corografia do Reino do Algarve.

Trabalho profundo e cuidado, e de rara minúcia que justo é salientar com o devido relevo, tal como foi feito pelo ilustre Professor e conceituado Algarvio, natural de Querença, que é o Dr. Manuel Viegas Guerreiro, ele ascendeu por mérito próprio até às gerações de hoje.

Trabalho profundo e do Ilustre Professor, inserto em quarenta e duas páginas, destacando durante quarenta e três minutos, toda a obra corográfica deixada pelo autor, destacando dele a observação cuidada e minuciosa de tudo quanto viu, observou e registou, bem como julgou com olhos de ver, sentido agudo de observador atento e julgador criterioso das gentes algarvias, seus costumes ancestrais, trabalhadores incansáveis de dinamismo pouco vulgar e de

decisões já então pouco comuns.

A descrição que nos deixou quanto à pesca do atum, razões da sua descida à nossa costa e regresso, a riqueza de que já então tal pesca se revestia. A exacta maneira do manuseamento da uva e forma da sua transformação primitiva em vinho. A forma como era pisada a azeitona para dela extrair o azeite, é como que uma pintura feliz e criteriosa que nada abastardou no confronto estabelecido com outras regiões, tanto mais que de um Beirão se tratava.

Não senhor: o algarvio e todo o seu valor intrínseco foi por ele dissecado no justo valor de uma compreensão rara, verificada no seu espírito de dedicação pelo trabalho, no bom entendimento entre si, no desejo, ainda hoje verificado, do respeito pelos valores humanos, religiosos e sociais que já então exornavam as gentes algarvias.

A sua descrição do tratamento da figueira e do figo, preservando o fruto, pelo processo simplista de colocar nas pernas das a chamado figo toco. A sua apreciação de só na região algarvia assim se proceder, mereceu a saliência que no seu trabalho lhe deu, e muito bem, o sr. Professor Dr. Manuel Viegas Guerreiro.

Também a maneira como justificou a razão de ser do Reino do Algarve, os dos factos históricos que a tal razão se prendiam. A descrição minuciosa de rios e de castelos, fortalezas al-taneiras onde os Mouros se acitavam e a sua tomada por meio do que foi como uma cruzada iniciada por D. Afonso XIII. As particularidades gerais anotadas, quanto a costumes, sociabilidade, usanças, difíceis de descrever neste apontamento de reportagem, anotadas por Frei João de São José, dignas de chegar até nós a justificar os méritos do autor, foram idênticamente salientadas pelo orador que a propósito os justificou também com opiniões de outros autores que citou.

Tratou-se portanto de, justificadamente, trazer à colação das gentes de hoje, o valor da obra, digamos, magnífica, de Frei João de São José, dada com toda a propriedade ali, na Sessão Cultural realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Loulé, pelo Ilustre já referido sr. Professor com o merecido realce devido à memória do autor da Corografia do Algarve, valorizada ainda mais pela forma como o fez o ilustre dissertador, que ali foi apresentado com palavras justificativas de apreço e devido relevo, pelo sr. Professor Dr. Joaquim de Magalhães.

A Sessão foi presidida por sua Ex.ª reverendíssima o Bispo do Algarve sr. D. Ernesto Gonçalves Costa, que no final teve palavras elogiosas para a Comissão promotora daquela sessão cultural e das que se lhe antecederam, incitando a que pudessem continuar dado o seu interesse e sua necessidade nos tempos conturbados que decorrem. Agradeceu à Câmara as facilidades concedidas para sua realização manifestando a sua satisfação pelo número elevado dos que ali estavam assistindo numa demonstração evidente do interesse suscitado.

A mesa foi composta também pelos Dr. Juiz da Comarca; Presidente da Comissão Instaladora da Universidade do Algarve; pelo Dissertador Dr. Manuel Viegas Guerreiro; pelo Dr. Joaquim Magalhães e pelo Representante do sr. Sub-Secretário de Estado da Cultura, Dr. Thomaz Ribas.

O Salão estava, é fora de dúvida, bem composto, tanto por um sexo como por outro, dando as senhoras uma nota alegre por seus trajes alegres e de bom corte.

Agradecidos pelo convite.
M. J. VAZ

Dr. Manuel Joaquim Costa Guerreiro

Pela Faculdade de Medicina de Lisboa, acaba de concluir a sua formatura o nosso conterrâneo sr. Dr. Manuel Joaquim Costa Guerreiro, filho do nosso velho amigo e dedicado assinante sr. David Miguel Guerreiro, considerado comerciante da nossa praça e de sua esposa sr.ª D. Maria Isabel Costa Guerreiro e casado com a sr.ª D. Maria Antónia Frascuilho Guerreiro, a quem igualmente podemos endereçar os nossos parabéns por também ter concluído agora a sua formatura em Medicina na Faculdade de Lisboa. Para seus pais, sr. Dr. Mário Frascuilho e sr.ª D. Emília Frascuilho, vão igualmente os nossos parabéns.

Coincidente com estas duas formaturas em família, temos ainda hoje a satisfação de duplicar os nossos parabéns ao casal David Guerreiro e D. Maria Isabel Guerreiro pelo facto de sua filha sr.ª D. Isabel Maria Costa Guerreiro, ter concluído há dias o seu curso de desenhos visual no Instituto de Arte, Decoração e Desig. Ao renovarmos os nossos parabéns para os três jovens que acabam de concluir os seus cursos, queremos desejar-lhes as maiores felicidades na sua vida profissional e familiar.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA E O AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL... lembram aos condutores que devem ter sempre nos seus automóveis lâmpadas de reserva.

Serviço Médico à Periferia - 1981

AVISO

A Administração Distrital dos Serviços de Saúde de Faro, comunica à população Algarvia que para instalação dos médicos do Serviço Médico à Periferia-1981, nos concelhos de Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Castro Marim, Faro, Lagos, Lagoa, Loulé, Monchique, Olhão, Portimão, S. Brás, Silves, Tavira, Vila do Bispo, e Vila Real de Sto. António, necessita de alojamento para os mesmos.

Agradece-se, idênticamente a colaboração dos Estabelecimentos Hoteleiros e de pessoas particulares no fornecimento desse alojamento, (apartamentos, quartos individuais com casa de banho própria), devendo a comunicação ser feita até fins de Dezembro à Administração Distrital dos Serviços de Saúde de Faro — Largo do Carmo, 3-1.º (Telef. 23016 ou 24024).

Movimento de solidariedade para auxílio a família vítima de incêndio devastador

No último número do nosso jornal demos a notícia de que um incêndio destruiu totalmente a residência e todos os bens do nosso conterrâneo sr. Carlos Pontes (Marçal) e que, por esse motivo, toda a sua família ficara em situação extremamente difícil, visto que o incêndio nem sequer poupou a pequena oficina de carpintaria que ficava contígua à sua casa de habitação e que era o ganha pão do chefe de família.

Dissemos que seria previsível um movimento de solidariedade para acudir às mais prementes necessidades de quem, assim de repente, se via privado dum lar e todos os seus bens e haveres verificámos depois que várias pessoas se tinham movimentado no sentido de angariar fundos para esse fim. Por isso decidimos colaborar nesse simpático movimento e abrir uma subscrição no nosso jornal para que possa ser mais volumoso o

auxílio a quem tanto dele precisa em hora de angústia e desolação.

Assim, temos a satisfação de abrir esta subscrição com os seguintes nomes:

- «A Voz de Loulé» 1 000\$00
- Dr. Luís Pontes 2 000\$00
- Manuel Filipe Laginha 500\$00
- Manuel Coelho 500\$00
- Felisberto S. Mendonça 500\$00
- António Mendes Pinto 200\$00
- José Manuel F. dos Reis 200\$00
- Manuel Mestre Alves 200\$00
- António Martins Inácio 200\$00
- Francisco C. Mendonça 200\$00
- Francisco Sousa Grade 100\$00
- José Pires F. Moreira 300\$00
- José Faisca D. Fonseca 500\$00
- António Santos Luz 300\$00
- José M. Cav. Francisco 300\$00
- Manuel Filipe da Costa 500\$00
- Hélder Apolónia 500\$00
- Joaquim Dias Rita 150\$00
- Carapeto & Tavares 3 000\$00
- Rocha & Tavares 3 000\$00

A transportar 14 150\$00

um debate esclarecedor com o candidato Galvão de Melo, poderem fazer uma opção consciente e democrática.

Se o impedir, recusando este debate, teremos de concluir que o candidato Soares Carneiro, além de anti-democrático, se coloca numa posição que não é honesta.

5 — Dos órgãos de Comunicação Social, no cumprimento da sua nobre missão de esclarecer e informar, espera-se que não deixarão de realçar a vantagem do confronto proposto por Galvão de Melo.

Lisboa, 15 de Outubro de 1980.

Do Gabinete Político do General Galvão de Melo

«A Voz de Loulé» em SALIR

Dois importantes melhoramentos se acabam de realizar nesta freguesia, os quais muito beneficiarão as populações servidas principalmente as serranas que vêm assim atendidas uma velha e justa aspiração.

Estão praticamente terminados os trabalhos da construção da ponte sobre a ribeira das Ameixeirinhas, o que em anos de invernía impedia a passagem durante dois a três dias a quem tivesse de por ali passar pois o caudal chegava a atingir a altura de 3 metros, o que se tornava um problema grave para as populações do interior da serra, agora com a ponte essa situação ficou resolvida.

Também se está acabando de pavimentar e alcatroar o primeiro troço da estrada de penetração a serra entre a Várzea do Poço e o pontão da ribeira da Ameijoafra, via que se destina a Almodóvar, servindo no seu percurso, Freixo Seco de Baixo, Algandur Sobreira, Cravais Éguas, indo ligar na Ribeira das Éguas à estrada que vem de Almodóvar em parte já pavimentada até à do Mú.

Esta artéria quando totalmente construída muito virá beneficiar tanto as populações do interior da serra como quem tinha de se dirigir do centro do Algarve para o Alentejo ou vice-versa pois encurtará uma boa dezena de quilómetros tirando-se ainda das acidentadas curvas da Serra do Caldeirão.

— x —

Faleceu há dias no hospital do Rego em Lisboa para onde

havia ido de urgência, o sr. Manuel Cavaco Nogueira, residente no sítio da Quinta. Contava 50 anos de idade.

Deixa viúva a sr.ª D. Irene Rodrigues Gonçalves.

Era pai da sr.ª D. Maria Gonçalves Nogueira Fonseca, sogro do sr. José Faisca Mingotes Fonseca.

Avó dos meninos Luís Filipe Nogueira Faisca Fonseca e da menina Marisa Cláudia Nogueira Faisca Fonseca.

O funeral realizou-se para o cemitério de Salir.

— x —

Prosseguem os trabalhos do abastecimento de água a Salir.

— x —

Faleceu no passado dia 16 no Instituto Neurocirurgia em Lisboa, para onde havia ido em perigo de vida, o sr. José Tomás, de 53 anos de idade, natural desta freguesia e residente em Loulé. Era fiscal da Direcção Hidráulica do Guadiana.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria de Sousa Cova e era pai dos srs. Joaquim Manuel de Sousa Tomás, e Fernando Manuel Sousa Tomás e sogro da sr.ª D. Inácia Tomás.

O funeral realizou-se para o cemitério de Salir, tendo-se incorporado elevado número de pessoas.

As famílias enlutadas enviamos sentidos pésames.

C.